

*“Formação de Público e Comunidades Imaginárias  
como Prática de Liberdade”*

Guilherme de Freitas Rosa

Trabalho de Projeto

Mestrado em Artes Cênicas

Setembro, 2013

Trabalho de projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas, realizado sob a orientação científica do professor José Alberto Ferreira.

“Ser cidadão não é viver em  
sociedade, é transformá-la”

Augusto Boal

# Agradecimentos

Hélio do Carmo Rosa  
(in memoriam)

Ao professor Paulo Filipe Monteiro por desafiar em aula a ir sempre além do nosso potencial.

Ao carinho da professora Claudia Madeira depois de tantas idas e vindas até decidir pelo projeto.

Ao meu orientador José Alberto Ferreira por suas contribuições decisivas.

A minha família, em especial à querida amiga e mãe, Maria de Lourdes.

Ao meu irmão, sempre pronto ao que for preciso, Fabio de Freitas.

O meu companheiro de trabalho e de tantas jornadas, Celso Cruz.

À presença marcante de Fábio Cruz.

A Tania Melo Rodrigues por acreditar no projeto.

Ao João Barros por nos receber de braços abertos no seu Gota TeatrOficina.

A Mariis Capela, a fotógrafa da luz.

A Luís Covas pelo seu traço certo no cartaz.

A João Sol, Rita Leal e Maria Jacob pelas contribuições marcantes no espetáculo.

Ao ACIDI pelo apoio ao Programa “Nós” (RTP2) e o “Gente como Nós” na Antena 1. E em especial à Suzana Antunes.

E a todos os amigos dessa jornada em especial a Marisa Medeiros, Luís Mourão e Maria de Vasconcelos.

Guilherme de Freitas Rosa

## Resumo

Este projeto estabelece uma conexão entre o espetáculo "Coração de Basalto" e seu público-alvo: as associações ligadas à ACIDI - Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural - e a comunidade em torno do Teatro Gota em Lisboa, um público de cerca de mil pessoas.

Durante oito meses de temporada, com uma apresentação semanal, realizamos encontros, entrevistas, diálogos e pesquisas, buscando compreender os porquês do afastamento das salas teatrais, estimulando uma nova formação de público e revalorizando a importância cultural da atividade teatral.

O projeto defende a possibilidade das atividades de formação de público para o teatro, organizadas em torno de um espetáculo teatral específico e das questões sociais e artísticas que o informam, concorrerem fortemente para o desenvolvimento da ‘imaginação das comunidades’, tal como Benedict Anderson teoriza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro; Público; Prática Teatral; Recepção Teatral; Mediação Teatral; Celso Cruz; "Coração de Basalto"

# Abstract

This project establishes a connection between the show "Coração de Basalto" and its target audience: the associations linked to ACIDI - High Commission for Immigration and Intercultural Dialogue - and the community around the "Gota Teatro" in Lisbon, an audience of around one thousand people.

Over a period of eight months of weekly performances we attempted to understand the reasons for public disinterest in attending the theater. Our research involved meeting with spectators and engaging in dialogue using interviews and questionnaires. We attempted to stimulate the creation of a new public revaluing the cultural importance of theatrical activity.

This project defends the possibility of the formation of a theatre public organized around a specific theatrical performance and its related social and artistic issues. We believe this promotes the development of what Benedict Anderson defines as 'community imagination'.

**KEYWORDS:** Theater; Theater Audiences; Theatrical Practice; Theatrical Reception; Celso Cruz; "Coração de Basalto"

# Índice

Introdução.....	1
A cortina que se abriu.....	2
Encontros e inquietações.....	7
Os primeiros testes e a formatação do projeto.....	15
A largada.....	23
Os primeiros diálogos, a temporada e a “Comunidade Imaginária”.....	28
As anotações, os inquéritos, as entrevistas,... um balanço?...	36
Conclusão.....	43
Bibliografia.....	45
Anexos.....	48





# Introdução

\* *“O medo é o começo da sabedoria, diz o filósofo alemão Hegel”*

O caminho do “fazer teatral” agrega tantos mestres que seria preciso publicar um livro. Aliás há muitos sobre o assunto, onde poetas, filósofos, encenadores, dramaturgos, roteiristas, atores, pedagogos, expressaram seus postulados, deixando sua contribuição ao “fazer teatral” de infinitas possibilidades.

Ao longo do trabalho eles vão alicerçando o projeto.

Mas sempre que o “fazer teatral” está sob nossa tutela vem um pavor, um medo, um medo que move.

Por que esse medo nos envolve quando se trata de expressar as nossas próprias experiências em torno do assunto?

Talvez porque aqui temos que refletir sobre o que realmente nos leva ao “fazer teatral”, uma das máximas do escritor russo Gorki: “o medo é tão saudável para o espírito como o banho para o corpo”.

É nesse “banho” que entro para expressar as minhas reflexões sobre o “fazer teatral” e, sem medo, digo e reafirmo: não há “fazer teatral” que não seja político.

É o que me move como cidadão e artista.

*“Todo teatro é político, ainda que não trate de temas especificamente políticos. Dizer “teatro político” é um pleonasmo como dizer “homem humano”. Todo o teatro é político, como todos os homens são humanos, ainda que alguns se esqueçam disso” (1)*

---

\* *Leituras compartilhadas - Leia Brasil - Charles Feitosa - Rio de Janeiro - Outubro 2002*  
*A Sabedoria do Medo - pág 10* [http://www.leiabrasil.org.br/pdf/revista\\_Medo.pdf](http://www.leiabrasil.org.br/pdf/revista_Medo.pdf)

(1) *Augusto Boal - 200 exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro - Rio de Janeiro - Editora Civilização Brasileira - 1982 - pág 15*

## A cortina que se abriu

*“Cada espectador, ainda que não o saiba, percebe, algumas vezes, através das grandes lentes e, outras vezes, através das pequenas lentes de um binóculo imaginário, assim como o poeta dos sentidos particularmente aguçados do qual falava Baudelaire. Observa o conjunto à distância e depois é atraído por um detalhe” (2)*

A formação de público e os seus desdobramentos já me acompanham há um bom tempo. Um dos primeiros trabalhos onde essa investigação era constante, foi com o espetáculo “Sonho Doce” da Cia. Engenho Teatral em São Paulo. Os primeiros passos aconteceram no final dos anos 80. Inicialmente percorrendo os teatros da periferia de São Paulo até a estreia oficial no “Teatro Móvel” do Engenho Teatral, no parque Ibirapuera em São Paulo.

Lá o “Teatro Móvel” foi encenado por um ano e depois mais outro na Praça do Relógio da USP (Universidade de São Paulo). Nos anos seguintes rodou a periferia de São Paulo instalando-se perto dos bairros e sempre permanecendo nesses locais entre um e dois anos.

Entre os primeiros ensaios e as apresentações do espetáculo na periferia, até a inauguração do “Teatro Móvel”, foram quase dez anos de trabalho e aprendizado .



***“Teatro Móvel” Engenho Teatral - Parque Tatuapé - São Paulo***

---

(2) Eugenio Barba - *A Canoa de Papel - Tratado de Antropologia Teatral* - Brasília Teatro Caleidoscópio & Editora Dulcina - 2012 - pág 58

O espetáculo “Sonho Doce” estreou oficialmente no “Teatro Móvel” em maio de 1993. Fiquei até 1997.

Nesses quatro anos fazíamos apresentações de quarta a domingo sendo de quarta a sexta com as escolas, de manhã e de tarde e, nos finais de semana, ao público local. Um total de oito apresentações por semana, sempre lotadas.

A casa tinha capacidade para 240 espectadores em média, dependendo da formatação da plateia.

Lá o “fazer teatral” se confirmava em todos os seus questionamentos diários tanto do “fazer artístico” quanto *modus operandi* de produção e formação de público.

O diferencial do Engenho Teatral era a surpresa da plateia no momento em que entrava no “Teatro Móvel”. Por fora parecia um grande circo; por dentro, um clima perfeito de uma sala de espetáculos!



*Sala do “Teatro Móvel” | Engenho Teatral*

Esse trabalho já era reflexo da conscientização pelo meio teatral que se espalhava por todo o mundo com grande força na Itália, Bélgica, Portugal, França, Estados Unidos e também o Brasil.

*"Esse movimento baseava-se na convicção de que todas as pessoas têm plena capacidade e direito de fazer arte. A difusão das práticas artísticas ao mesmo tempo que ampliava o círculo de conhecedores, tinha por objetivo subverter a ordem estabelecida" (3)*



**#Sonho Doce, de Celso Cardoso e Will Damas - Engenho Teatral**  
**"Teatro Móvel" - 1993. Na foto da esquerda, em destaque, Will Damas; na da direita, Iraci Tomiatto e Guilherme Freitas**

Um movimento que surgiu entre as Companhias de Teatro, agentes culturais e educadores, no final dos anos 60 e começo dos 70.

Grandes Companhias se debruçaram sobre essa perspectiva. E grandes mestres do teatro influenciaram o movimento.

*"Sem dúvida, só será possível ao teatro assumir uma posição independente caso se entregue às correntes mais avassaladoras da sociedade e se associe a todos os que estão, necessariamente, mais impacientes por fazer grandes modificações nesse domínio. É, sobretudo, o desejo de desenvolver a nossa arte em diáspora com a época em que ela se insere e que nos impele, desde já, a deslocar o nosso teatro, o teatro próprio de uma época científica, para os subúrbios da cidade. Aí ficará, a bem dizer, inteiramente à disposição das vastas massas de todos os que produzem em larga escala e que vivem com dificuldades, para que neles possam se divertir proveitosamente com a complexidade de seus próprios problemas" (4)*

---

(3) Flávio Desgranges - A Pedagogia do Espectador - São Paulo - Hucitec - 2010 - pág 46

(4) Bertolt Brecht - Estudos sobre Teatro - Rio de Janeiro - Editora Nova Fronteira - 2005 - pág 136



O projeto do Engenho Teatral, nessa busca do seu público, desde sua implantação em 1993. Nas palavras da Cia.:

*"Levando em conta experiências anteriores, o Engenho resolveu buscar Público; resolveu buscar público ausente do centro; partir para o encontro com essa enorme cidade desconhecida; abandonar o centro e desenvolver seu trabalho ali, onde a população mora e o teatro não chega; buscar o contato direto, sem a dependência de uma mídia que ele não pode controlar. Optou por não depender de teatros, programadores e locais de ensaio, fora de seu controle, com horários, temporadas e propostas definidos por terceiros. Recusou-se a criar e trabalhar para outras instituições que não o seu público e suas convicções de identidade"*  
<http://engenhoteatral.wordpress.com/o-teatro>

Esse aprendizado me levou a grandes descobertas e despertou o interesse pela formação de público. Permeou toda a minha trajetória na investigação e vivência dessa busca, que é uma constante em meu trabalho, onde se abriu uma cortina da relação palco/espectadores/ator/plateia.

Grandes formadores de público foram importantes nessa pesquisa entre eles, José Celso Martinez Correa (no seu Teatro Uzina Uzona e a reabertura do Teatro Oficina em São Paulo onde se deu a estreia de "Hamlet") e Cacá Rosset (com o Teatro do Ornitórrinco), este último levando um público expressivo ao teatro.

<http://guia.folha.uol.com.br/teatro/ult10053u416504.shtml>



**Scapino - 2000 | Cia. Teatro do Ornitórrinco | Teatro Sergio Cardoso**  
**Direção: Cacá Rosset**  
**Na foto, Tathiana Souza, Romis Ferreira e Guilherme Freitas**

A procura de um trabalho que se foca mais a uma investigação constante, onde as influências dos grandes mestres do teatro pudessem se mesclar a essa dicotomia do “fazer teatral”, em busca de um público próprio, sempre me instigou .

Nessa ocasião tive a oportunidade de conhecer um grande artista paulistano, Celso Cruz, diretor, dramaturgo e poeta. A partir daí essas inquietações fizeram parceria com Celso. Do primeiro encontro até hoje já se vão 12 anos.

Onde o espetáculo Coração de Basalto, de autoria de Celso Cruz, é o objeto dessa investigação que estabelece uma conexão entre o espetáculo e o público-alvo. Mais à frente vou equacionar.

*“Interpretar, para mim, não é algo que está ligado a me exibir ou exibir minha técnica. É revelar, por meio da atuação, “algo mais”, alguma coisa que o público não encontra na vida cotidiana. O ator não demonstra isso. Não é visivelmente físico mas sim, através do comprometimento da imaginação do espectador que “algo mais” irá surgir na sua mente. Para que isso ocorra, o público não deve ter a mínima percepção do que o ator está fazendo. Os espectadores têm que esquecer o ator. O ator deve desaparecer.” (5)*

Os exemplos das companhias e projetos correm o mundo. O trabalho de formação é complexo e envolve grandes equipes de produção, onde se “educa” não só o público como também técnicos e convidados, e todos os envolvidos. Hoje há projetos que ultrapassaram a questão da recepção teatral e estão tão absorvidos dentro de suas cidades e suas experiências que “a mediação passa agora a constituir, em si mesma, uma modalidade de criação” (6)

Entre eles o projeto Núcleo Vocacional em São Paulo\* e a MGI (Maison du Geste et L’image)\*\* , em Paris.

---

(5) Yoshi Oida - O Ator Invisível - São Paulo - Via Lettera - 2007 - pág 17

(6) Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas - Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina)  
Maria Lúcia de Souza Barros Pupo - Mediação Artística, uma Tessitura em Processo - Nº 17 - pág 121 [http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2011/index\\_17.html](http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2011/index_17.html)

\* <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=6135>  
<http://formacaoartecultura.blogspot.com.br/p/programa-vocacional.html>

\*\* <http://www.mgi-paris.org/>

# Os encontros e as inquietações

*"Veja teatro", "vá ao teatro", "teatro é cultura"... Como afirmava Walter Benjamin, "convencer" é infrutífero. É preciso educar... propiciar experiência para se criar gosto por essa experiência" (7)*

Chego a Portugal em 25 de janeiro de 2009, um domingo.

Na segunda- feira já estava na biblioteca de Alcochete, na produção local, a receber o público para o espetáculo "Vem Aí os Cômicos" e cuidar da mediação entre a Companhia e a programadora da biblioteca, no que fosse necessário.



Recebi o convite do Pim Teatro, de Évora, em agosto de 2008 para trabalhar como assistente de produção e ator por três anos.

Esse convite aconteceu em 2005 quando se deu o encontro de minha Companhia de São Paulo (Cia. do Cão) e o Pim Teatro, em Lajes do Pico, na festa dos baleeiros. O Pim Teatro\* atua em Portugal há vinte anos.

Lá pude entender, em parte, os meios de formação de público em Portugal.

Hoje os pais (que foram seus primeiros espectadores) já levam os filhos aos espetáculos.

---

(7) Flávio Desgranges - *A Pedagogia do Espectador* - São Paulo - Hucitec - 2010 - pág 68

\* <http://www.pimteatro.pt/Historial.html>

O trabalho, entre janeiro de 2009 e junho de 2010, foi intenso.

Com a estreia de “Histórias da Monarkia”, onde participei como ator, pude estar mais perto do público e perceber suas inquietações pois o Pim Teatro tem um costume de, sempre ao final da apresentação, compartilhar com os espectadores a forma como se deu o processo de criação. Em seguida “abre” a plateia a todo tipo de perguntas.

*“A atuação do espectador não se efetiva sem o reconhecimento de sua presença. A voz desse outro integrante do diálogo situado na plateia só pode ser ouvida se a palavra lhe for aberta. Seu interesse em enfrentar o debate estético proposto na obra está diretamente ligado à maneira como o artista o convida, o provoca e desafia a se lançar no diálogo” (8)*

“Histórias da Monarkia” estreou no Teatro Garcia de Resende, em outubro de 2009. O espetáculo teve apoio da Comissão para as Comemorações do Centenário da República Portuguesa.



***“Histórias da Monarkia - 2009” - Teatro Garcia de Resende - Évora - Pim Teatro***

---

*(8) Flávio Desgranges - A Pedagogia do Espectador - São Paulo - Hucitec - 2010 - pág 28*



As inquietações do público sempre iam além do que foi apresentado, depois das perguntas de interesse comum, sobre o espetáculo e o próprio teatro e o espaço, vinham as questões referentes à minha participação num elenco português.

Como me sentia? Se tinha alguma dificuldade em interagir? Como vim parar em Évora? Quais as minhas expectativas?

Sempre com muita curiosidade em querer saber sobre o meu trabalho.

Percebi então que as inquietações deles iam ao encontro das minhas também.

*“Não há mais dúvidas de que o espectador adquiriu um novo status, um novo lugar, na teoria que se produz hoje sobre as artes cênicas. As diferentes experiências cênicas que habitam o mundo de hoje exigem essa reflexão” (9)*

O “Como me sentia?” era a questão predominante.

Comecei a juntar todas as minhas anotações e correspondências desse “sentir” onde as alteridades do ser “estrangeiro” torneavam minha experiência, como se eu me colocasse no lugar do público a “chocar os ovos da própria experiência” como disse Walter Benjamin.

“Histórias da Monarkia” continuou sua temporada, os e-mails cresceram e essa minha experiência vivida aqui, como residente e imigrante também, as trocas de e-mails entre eu e o dramaturgo Celso Cruz, trouxeram à tona a necessidade de falar sobre as questões de alteridade, imigração, o ser humano...

*“O espectador tem a possibilidade de formar a si próprio da maneira mais simples, pois a forma mais simples de existência é a arte que ele nos proporciona” (10)*

Com o Pim Teatro a troca dessas informações com o público chegava ao fim pois a crise anunciada chegava a Portugal modificando os modos de produção e do “fazer teatral”.

Ainda tentamos o último suspiro com Cartas da Névoa, parceria entre o Pim e a Companhia que trabalhava em São Paulo (Cia. do Cão), na busca de atrair o público adulto. Porém os investimentos chegaram ao fim.

---

(9) Revista Sala Preta - Revista de Artes Cênicas da USP (Universidade de São Paulo)  
Atmosfera e Recepção numa Experiência com o Teatro na Alemanha - Claudio Cajaiba  
2008 - vol 8 - nº 1 - pág 2 <http://revistas.usp.br/salapreta/article/view/57347/60329>

(10) Bertolt Brecht - Estudos Sobre Teatro - Rio de Janeiro - Editora Nova fronteira - 2005  
pág 166

*"Se o ator, ou um grupo de atores, estão em pleno domínio de seu ofício, os espectadores são provocados para obedecer a todos os impulsos que enviam com suas atuações" (11)*

Chegava a Lisboa e na bagagem o espetáculo Coração de Basalto recém-saído do forno mas ainda precisava aparar as arestas.

Em 2010 começaram as primeiras versões do texto. Foi um árduo trabalho de leituras e investigação nas questões da alteridade e imigração, o quanto isso me afetava diretamente no dia a dia, e de que forma poderia contribuir ao processo e ao texto.

Embarcamos na primeira leitura pública em 2010 no Atelier Criart\* em São Pedro de Sintra, onde exerço uma parceria com a fotógrafa Mariis Capela no evento de dramaturgia "Dar Voz ao Teatro". Naquela época Coração de Basalto tinha outro formato, com três atores e não como um monólogo, conforme está formatado hoje. Participaram da leitura, Rita Leal (atriz) e João Sol (músico), ambos formados pela Universidade de Évora em suas respectivas áreas. A leitura foi à cena em dezembro de 2010. E bem aceita pelo público.

*"A saída para o esvaziamento das salas não se resume em facilitar o acesso ao público a esse produto, mas consiste também em fazer os produtores teatrais perceberem a importância do espectador no evento. Não somente como alguém que sustenta financeiramente ou cobre de aplausos os espetáculos, mas como o outro imprescindível em um diálogo. Da mesma maneira como o público se pergunta "por que ir ao teatro hoje em dia?", talvez seja imprescindível que os artistas de teatro levantem questões semelhantes: Por que ir ao público hoje? Para fazer o que? Dizer o que? Para quem? Qual a necessidade disso afinal?" (12)*

Com a presença do público na leitura acertamos os detalhes. Em janeiro de 2011 estive em São Paulo e juntos, Celso e eu, trabalhamos o texto e conversamos muito sobre o que poderia ser o Coração de Basalto a partir de alguns ensaios de leituras do texto.

---

(11) Dario Fo - Manual Mínimo do Ator - São Paulo - Editora Senac - 1998 - pág 171

\* Atelier Criart <http://www.youtube.com/watch?v=iwqLJ4miWiY>

(12) Flávio Desgranges - A Pedagogia do Espectador - São Paulo - Hucitec - 2010 - págs 25/26

# Atelier Criart | Ensaios

## 1º Leitura de Coração de Basalto



*João Sol | Foto: Mariis Capela*



*João Sol e Guilherme Freitas | Foto: Mariis Capela*

*"Nossa experiência nos levou a crer firmemente que só o nosso tipo de arte, embebido que é nas experiências vivas dos seres humanos, pode reproduzir artisticamente as impalpáveis nuances e profundezas da vida. Só uma arte assim pode absorver inteiramente o espectador, fazendo-o, a um só tempo, entender e experimentar intimamente os acontecimentos do palco, enriquecendo a sua vida interior e deixando impressões que não se desvanecerão com o tempo" (13)*

Na volta me juntei a João Sol e Rita Leal e começamos a traçar planos.

Foi um processo intenso de pesquisa e estudos em volta do espetáculo.

Dedicamos meses às leituras e compreensão do texto, tomando cuidado aos significados diferentes entre as palavras brasileiras e portuguesas, desde as coisas mais simples, como: "jogar fora o lixo" / "deitar fora o lixo" ou palavras que deixamos sem mudar pela sonoridade como "catraca", aqueles acessos que têm no Metrô para os usuários que aqui, antigamente, chamavam de "torniquete".

Separamos as cenas (nome a cada uma delas), as improvisações, os delírios de "Jonas", personagem central da peça (Jonas está à procura do pai pela Europa).

A conversa franca e aberta entre portugueses e brasileiros na busca de um "resultado" que fosse fidedigno, as questões da alteridade e seu antônimo.

*"Aqueles que trabalham em improvisações têm a possibilidade de ver com assustadora clareza com que rapidez se chega às fronteiras da chamada liberdade." (14)*

Já podíamos sair da "mesa de leitura" e fomos à procura de uma sala de ensaios. A saga à procura de uma sala de ensaio foi o nosso primeiro desafio, o que me trouxe uma certa consternação pela dificuldade de se achar um espaço para ensaiar entre Lisboa e Sintra. Só em meados de abril a ACIDI - Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural\* - parceira nossa até hoje, nos cedeu uma sala em sua sede, em Lisboa. Iniciamos os ensaios em junho do mesmo ano.

---

(13) Constantin Stanislavski - A Preparação do Ator - Rio de Janeiro - Civilização Brasileira - 2005  
pág. 45

(14) Peter Brook - O Teatro e o seu Espaço - Rio de Janeiro - Editora Vozes Limitadas - 2007 - pág 65

\* <http://www.acidi.gov.pt/>



*Rita Leal, Guilherme Freitas e João Sol | Foto: Mariis Capela*





Os ensaios na ACIDI foram marcantes no “fazer teatral” associados a um acervo fantástico disponível no comissariado como revistas, artigos, teses, compilações, tudo que pudesse aprofundar o conhecimento da população imigrante em Portugal. Uma mais-valia para o espetáculo se aprofundar nas questões da alteridade.

<http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=1>

Logo em seguida, a crise anunciada no país, chegou a seu ápice e tudo que se referisse a cultura parou e, conseqüentemente, paramos também. Coração de Basalto não tinha como continuar.

Percebi, como ator, que o espetáculo precisava de uma grande revisão teórica e prática. Foi então que, em setembro de 2011, ingressei no Mestrado de Artes Cênicas na Universidade Nova de Lisboa. Lá as questões de alteridade e busca do outro vieram à tona. Precisei de um tempo para refletir se a pesquisa do Coração de Basalto e minha própria investigação como ator, poderiam caminhar juntas.

Demorei um pouco a definir o espetáculo como objeto de estudo quando notei que tudo poderia ser uma somatória do meu trabalho de ator e a minha investigação na formação de público de tantos anos.

Em agosto de 2012 coloquei tudo isso a teste. Tranquei matrícula e parti para as questões práticas, antes de me inscrever na minha componente não-letiva. Em setembro começamos os ensaios e a produção de um evento que abordasse todas essas questões referentes ao outro, a imigração, a humanidade por meio da força do teatro... aqui, Coração de Basalto já tinha se transformado num espetáculo solo.

*“Cada criação é diferente e as funções dos elementos do grupo estão em aberto, prontas para serem reinventadas. As variáveis existem em maior número do que as condições fixas, na certeza, porém, de que toda a proposta dramática, que privilegie a presença da alteridade, tem lugar num espaço de transformação” (15)*

Digo “começamos” pois foi uma parceria entre o GotaTeatrOficina em Lisboa, eu, Celso Cruz e João Barros, coordenador artístico do Gota. Foram dois meses de ensaios e produção e mais quinze dias com encontros, oficinas e espetáculos em torno da alteridade, o outro e as questões do imigrante, tanto do ponto de vista dos portugueses como dos brasileiros.

---

(15) Ana Pais - *O Discurso da Cumplicidade* - Lisboa - Edições Colibri - 2004 - pág 53

## Os primeiros testes e a formatação do projeto

Coração de Basalto passou por seu primeiro teste nessa nova versão com o público, em dois ensaios abertos no evento “½ tonelada de Amor Pra Dar”.





# Garota portuguesa procura

Um texto de **CELSO CRUZ**

Com  
**MARIA de VASCONCELOS**

Encenação:  
**GUILHERME FREITAS**

Assistente de Encenação:  
**ANAÍSA RAQUEL**

Cenografia: **PAULO FERRO**

Iluminação: **JOSÉ ANTÓNIO SILVA**

Música original: **JOÃO SOL**

Agradecimentos: **VALÉRIA CARVALHO**

**3 e 4, 10 e 11 de Novembro**  
**21h30**



**GOTA TeatrOficina**  
*associação cultural*

Calçada do Correio Velho, 14-16  
Lisboa (junto à Sé de Lisboa)

**Bilhetes: 5€**

**Marcações:** [producaomeiatonelada@globo.com](mailto:producaomeiatonelada@globo.com)

Cartaz: Luis Covas



# CORACÃO DE BASALTO



*Texto e encenação: Celso Cruz*  
*Com: Guilherme Freitas*

*Música Original: João Sol, Rita Leal (voz) e Maria Jacob (letra)*

*Iluminação: José António Silva | Cartaz: Luís Covas*

**GOTA**  
**GOTA TeatrOficina**  
associação cultural

**17 e 18 de Novembro - 21:30**

Calçada do Correio Velho, 14-16 - Lisboa (junto à Sé de Lisboa)  
Entrada livre | Marcações: [producaomeiatonelada@globos.com](mailto:producaomeiatonelada@globos.com)

*"Acima de tudo precisamos viver e acreditar no que nos faz viver e em que alguma coisa nos faz viver – e aquilo que sai do interior misterioso de nós mesmos não deve perpetuamente voltar sobre nós mesmos numa preocupação grosseiramente digestiva. Quero dizer que se todos nos importamos com comer imediatamente, importamos ainda mais não desperdiçar apenas na preocupação de comer imediatamente nossa simples força de ter fome." (16)*

Foi com essa “fome” que correram os quinze dias do evento, dois espetáculos. Num, fiz a encenação e no outro estava como ator, mais as oficinas e leituras dramáticas.

O diretor e autor do espetáculo ainda não tinham visto o copião que tinha feito de Coração de Basalto, dez dias dentro da sala do Gota TeatrOficina, para limar, organizar e por realmente de pé o espetáculo, um trabalho intenso, forte, preciso, levando “Jonas” a estabelecer sua viagem de um modo contundente e real.

### **Coração de Basalto:**

Jonas, um paulistano solitário, parte para terras europeias em busca do pai cigano, que jamais conheceu. Suíça, Espanha, Itália, Grécia, Portugal. De Lisboa aos Açores. Longa é a jornada. Muitos os encontros e desencontros do coração.

Afinal estavam ali contidos quase dois anos de puro “suor” a transformar as lágrimas de uma perda, a perda do “pai”, o “pai” ausente, o “pai” que deixa o imigrante em condições sub-humanas, os números são assustadores.

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/11/mais-de-5-imigrantes-morrem-todos-os-dias-ao-tentar-entrar-na-europa.html>

O “fazer teatral” estava a todo o vapor e nós na expectativa de que o espectador correspondesse, e que pudéssemos formar ali uma pequena semente para um futuro projeto de formação de público. Deu certo. O evento foi bem: em quinze dias atingimos uma média de 300 espectadores entre os dois espetáculos e os eventos. Levando-se em conta que foram apenas seis apresentações, quatro do Garota Portuga Procura e duas de Coração de Basalto numa sala com capacidade para 60 espectadores.

*"O âmbito da formação de espectadores não está restrito ao conhecimento da linguagem teatral mas também diretamente ligado a conquista dessa autonomia, para elaborar os fatos da cena e da vida. Autonomia crítica e criativa. Autonomia interpretativa." (17)*

---

(16 ) Antonin Artaud - O Teatro e seu Duplo - São Paulo - Martins Fontes - 2006 - pág 2

(17) Flávio Desgranges - A Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo - São Paulo - Hucitec 2011 - pág 154

## O evento nas palavras de Celso Cruz:

### A PROPOSTA

*½ Tonelada de amor pra dar é uma proposta de encontro.*

*O encontro teatral entre o público de Lisboa e um grupo de criadores teatrais brasileiros e portugueses, a partir da dramaturgia de Celso Cruz, um dos representantes do teatro contemporâneo de São Paulo, com duas peças, workshop e debate.*

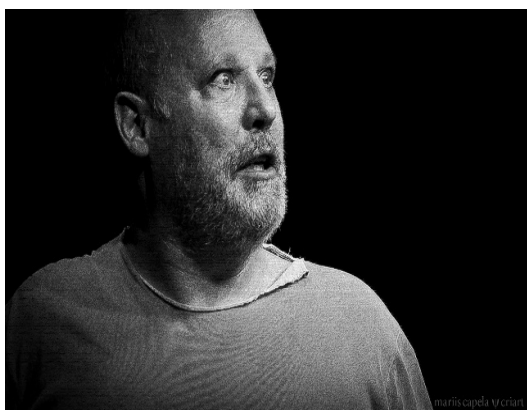
*A jovem lisboeta que abandona tudo e vai morar numa favela do Rio de Janeiro, em busca de uma vida legal. O brasileiro que vasculha Portugal, de Évora a Lisboa, do Porto aos Açores, em busca do pai que jamais conheceu.*

*Amores, ainda que brutos. Migrações em busca da alma - ou de um teto, um prato, um copo e um cobertor. Fugas. Descobertas. Transformações.*

*Os ciclos da vida contemporânea, numa dramaturgia precisa e arrojada. Terna e provocante. Que diverte, comove e gera discussão. Da estética à política.*

*Busca-se uma dramaturgia promíscua, nas palavras e nos gestos, criada no Brasil e em Portugal, a partir da cumplicidade de vários artistas, da parceria, do coletivo, da invenção e da reinvenção. Da troca de olhares. Dos toques. Da escuta do outro.*

*Da soma dessas paixões, e da contribuição de outros grandes artistas, como Maria de Vasconcelos, Guilherme Freitas e os atores do GOTA TeatrOficina, chegamos à ½ Tonelada de Amor pra dar.*



**Coração de Basalto**  
**Foto: Mariis Capela**



**Garota Portuguesa Procura**  
**Foto: Tania Araujo**

Com os ensaios abertos de Coração de Basalto, pude notar o quanto a investigação teórica da Componente Letiva influenciou e direcionou o meu trabalho de ator no espetáculo. Todo o aprendizado anterior da minha formação veio à tona com muita intensidade, o espetáculo cresceu e amadureceu e conclui que Coração de Basalto era definitivamente meu objeto de estudo e que poderia aliar ao espetáculo questões pertinentes e que tanto me perseguiram como artista. E o público é o que mais me preocupa.

*Por que o público hoje está se afastando das salas de espetáculo?*

*Falta formação e informação?*

*Os ingressos são caros?*

*Os grandes meios de comunicação têm responsabilidade nesse afastamento?*

*O estado não cumpre o seu papel de formador?*

*O teatro é simplesmente aborrecido?*

*O que faz o público sair de casa, se divertir sem incluir o teatro em sua agenda?*

*O público precisa ser educado a ir ao teatro?*

*Como chegar perto desse grande público como grandes eventos populares como por exemplo o futebol?*

*As redes sociais ajudam ou confundem?*

As ferramentas para a mediação teatral são muitas, como o próprio local de apresentação, a divulgação, apoios e incentivos culturais. Mas o diálogo é a ferramenta mais enriquecedora e esclarecedora. Coração de Basalto propõe esse diálogo no tema central do espetáculo, partindo do princípio básico do significado de alteridade, em se colocar no lugar do outro, valorizar, identificar e dialogar com o outro.

Um espetáculo que vai ao encontro da formação de público ou seja, o diálogo e, com ele, proporcionar respostas quantitativas e qualificativas de um espectador adulto por meio de pesquisas de múltipla escolha, entrevistas e registros fotográficos e de vídeo durante toda a temporada, num total de 32 apresentações\*, uma vez por semana, de março a novembro, com exceção das férias de verão, no mês de agosto.

---

\* Há aqui uma mudança no projeto original. Como setembro é a entrega do resultado da investigação à Universidade Nova de Lisboa, agosto não há espetáculos. Junta-se a isso uma pequena reforma no teatro que só fica pronto em fins de setembro. Para um melhor enfoque do trabalho, serão registrados apenas os meses de março a julho, num total de 20 apresentações.

A sala de apresentações do GotaTeatrOficina Associação Cultural tem uma localização privilegiada (no centro de Lisboa) para que o trabalho de formação aconteça. Um local de fácil acesso e um teatro desenhado para que a relação entre o ator e o público se estabeleça diretamente, podendo assim atingir um diálogo real, como diz Eugênio Barba em “Canoa de Papel”: *“É um princípio fundamental do teatro: sobre o palco, a ação deve ser real, não importa que seja realista”*.

Um trabalho desses, sem apoio financeiro, só traz algum resultado caso se fundamente na única ferramenta que não tem custos: o diálogo. Por isso, o foco desse projeto vai se direcionar a um público específico e em torno do teatro do Gota.

Desde a nossa parceria com a ACIDI que o público-alvo de Coração de Basalto tem sido as associações catalogadas no comissariado.

Relembrando o exposto na página 25, Coração de Basalto narra a história de um filho que migra em busca do pai na Europa. Um contexto que vai ao encontro das propostas e debates da ACIDI, onde uma das suas ferramentas básicas é promover o diálogo entre diversas culturas. Tendo as associações como público-alvo, estabelecemos um contato direto a essa ferramenta básica comum tanto ao espetáculo, quanto à instituição e ao projeto.

Como fomentar essa parceria num projeto de formação de público a associações de países tão diferentes uns dos outros?

O conceito de Benedict Anderson em “Comunidades Imaginadas” em que “uma nação é uma comunidade politicamente imaginada”, vem ao encontro do projeto de formação e nos ajuda a equacionar a questão.

*“Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada e, imaginada, como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana. Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações, jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. Na verdade qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada. As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo que são imaginadas”.* (18)

---

(18) Benedict Anderson - Comunidades Imaginadas - São Paulo - Companhia das Letras - 2008  
págs 32/33



O espetáculo Coração de Basalto ficou em cartaz de março a julho de 2013, todas as quartas-feiras às 21 horas no GotaTeatrOficina, localizado ao lado da Sé, num pequeno teatro de 60 lugares, projetado pelo cenógrafo João Barros.

A estreia foi marcada para 6 de março. Até julho foram 20 apresentações com o público-alvo direcionado à ACIDI. São 130 associações catalogadas no Instituto em todo o país.

Para as associações que se interessaram pelo projeto, foi reservado um dia específico - para cada uma delas - durante a temporada. O critério de escolha foi a proximidade da associação em relação à grande Lisboa, a fim de facilitar o acesso. A apresentação exclusiva à determinada associação não necessariamente a excluiu de outras apresentações, durante a temporada.

Ao final de cada apresentação foi estabelecido um debate sobre as questões já colocadas neste projeto e como a ida ao teatro pode ajudar e fortalecer o diálogo entre diversas culturas. Um inquérito foi feito por e-mail ao público, com questões que buscam elucidar o porquê do afastamento do público hoje. A produção e divulgação a cada associação foi feita sempre com o mínimo de três semanas antes de cada apresentação, além do envio do dossiê do espetáculo contendo release, fotos e sinopse. Houve também uma carta esclarecendo o contexto em que o espetáculo foi inserido. Os contatos foram feitos por telefone e diretamente com o responsável pela área cultural de cada associação e com a minha presença na entidade – em alguns casos – para a compreensão do projeto. Um “diário de bordo” foi feito depois de cada apresentação, com as questões mais relevantes, com anotações importantes do retorno de público, não só das associações com em torno do teatro. Cada associação trouxe um convidado para a conversa, com representatividade na sua “comunidade”, objetivando assim trazer mais credibilidade ao projeto.

Durante a temporada, o espetáculo foi fotografado e teve entrevistas filmadas, colhendo informações do público sobre as questões relevantes ao projeto. No final da conversa, o público foi convidado a conhecer as instalações do teatro e toda a equipe técnica, de modo que pudesse constatar o que é preciso para que o espetáculo aconteça. Durante a temporada foram promovidos encontros sobre o tema a fim de estimular o diálogo em torno das questões referentes à formação de público.

Todo esse material (pesquisas e entrevistas) se transformou em fonte para que se possa gerar resultados com o intuito de contribuir e estimular novos projetos em formação.

# A Largada

No final de janeiro e começo de fevereiro desse ano comecei a produção para a estreia oficial de *Coração de Basalto* a fim de dar início ao projeto de formação. A estreia estava marcada para 6 de março.

O público-alvo foi contactado por e-mails e telefonemas e uma carta oficial do comissariado-ACIDI.

*Caros/as Dirigentes,*

*Vimos por este meio divulgar a iniciativa **Coração de Basalto**, que estreia no dia **6 de março**, no Gota TeatrOficina, em Lisboa, com apresentações todas as quartas-feiras, às 21h00, de março a novembro (exceto durante o mês de agosto).*

*O espetáculo faz parte do projeto de Mestrado em Artes Cénicas que o ator Guilherme Freitas realiza na Universidade Nova de Lisboa - "Formação de Público e Comunidades Imaginárias para a Prática da Liberdade". É dirigido ao público em geral mas, sobretudo às associações de imigrantes que são convidadas a participar de uma forma especial (ver Carta às Associações em anexo).*

*Serão realizadas 32 apresentações, sempre com uma conversa ao final do espetáculo, discutindo questões fundamentais sobre a peça: imigração, cooperação, alteridade, humanidade.*

*As Associações interessadas em participar deverão contactar:*

*Guilherme Freitas*

*E-mail: [guilhermeevora@globo.com](mailto:guilhermeevora@globo.com)*

*Tlm.: 96 586 10 94*

*Tel.: 213 87 62 78*

*Mais informações (cartaz e dossier do projeto) disponíveis em: <http://www.acidi.gov.pt/calendario/eventos/visualizar-evento/511bb583753a8/coracao-de-basalto->*

*Obrigada a todos e a todas.*

*Os melhores cumprimentos,*

*Andreia Santos*

*GATAI – Gabinete de Apoio Técnico às Associações de Imigrantes*

***ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural***

*Rua Álvaro Coutinho n.º 14*

*1150-025 Lisboa*

*Tel.: +(351) 218 106 165 Fax: +(351) 218 106 165*

*O ACIDI, Instituto Público na dependência directa da Presidência do Conselho de Ministros, tem como missão colaborar na concepção, execução e avaliação das políticas públicas, transversais e sectoriais, relevantes para a integração dos imigrantes e das minorias étnicas, bem como promover o diálogo entre as diversas culturas, etnias e religiões.*

A primeira associação a ser contatada e marcada para o dia 6 de março foi a Casa do Brasil.

Marcação feita e os ensaios de Coração de Basalto retornaram agora com a supervisão de João Barros\*, cenógrafo, e um dos fundadores do Gota TeatrOficina, que aliás acompanhou de perto todas as apresentações do projeto. E concomitante à preparação e limpeza do teatro para se receber o público.

*"Se considerarmos esse ponto de vista, limpar não é simplesmente uma "preparação" para trabalhar. A palavra "preparação" tende a sugerir que a etapa seguinte é que é importante. Não é esse o caso. A ação de limpar já é útil por si mesma. Essa abordagem da limpeza não está limitada ao ambiente onde irá se trabalhar. Temos igualmente de nos assegurar de que nossos corpos estão no mesmo estado de prontidão." (19)*

O espetáculo tinha se modificado, mais maduro e com mais aromas e com uma forte influência dos diálogos travados entre eu e Celso Cruz, sobre que lugar seria esse que "Jonas" se encontrava, pois nas últimas apresentações, em novembro de 2012, Coração de Basalto se propunha a um exercício dramaturgico e agora, com esse novo "corpo", e esse "lugar" mais estabelecido, o exercício foi "promovido" à condição de espetáculo, onde esse "lugar" do personagem "Jonas" foi se estabelecendo durante a temporada.

O primeiro vídeo promocional foi lançado nas redes sociais.

<http://www.youtube.com/watch?v=NBLuMAAnrmAw>

E o evento aberto no Facebook.

<https://www.facebook.com/events/462895330431794/>

E publicado em diversos sites de quase todas as agendas de programação de espetáculos em Lisboa.

<http://www.gazetadosartistas.pt/?p=15711>

<http://live.agendalx.cm-lisboa.pt/evento/coracao-de-basalto#.UgKOGNLVASw>

[http://lazer.publico.pt/pecasdeteatro/312288\\_coracao-de-basalto](http://lazer.publico.pt/pecasdeteatro/312288_coracao-de-basalto)

<http://casamericalatina.pt/2013/03/26/peca-coracao-de-basalto-no-gota-teatroficina/>

<http://www.viralagenda.com/pt/events/12128/coracao-de-basalto>

E uma carta de abertura do projeto foi encaminhada por e-mail a todas as associações.

---

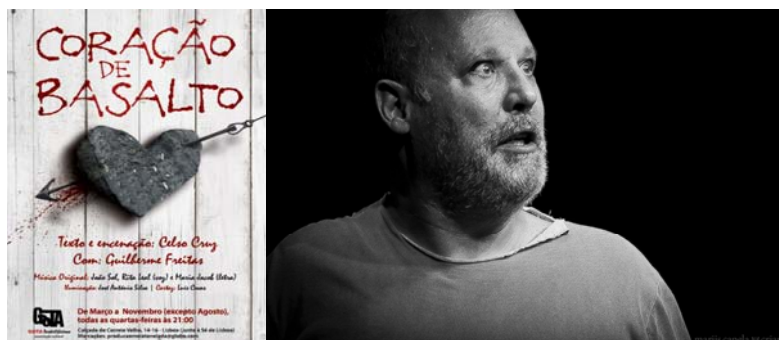
\* Criou o Gota/TeatrOficina, com o qual ganhou diversos prêmios de encenação e interpretação de peças de Teatro. Executa com regularidade trabalhos em cenografia para as produções de Filipe Lá Féria, Teatro Nacional de São Carlos, Companhia Nacional de Bailado. Desde 1998 na direção do ateliê de cenografia do Teatro Politeama.



## ***Coração de Basalto***

### ***Carta aos associados***

Caros associados, o espetáculo ***Coração de Basalto***, que estará em cartaz a partir de março desse ano, todas as quartas feiras, às 21hs no **GotaTeatrOficina** em Lisboa, em longa temporada, até novembro desse ano, pretende discutir as questões ligadas a alteridade, imigração, o outro e da busca de todos nós, e como a formação de um público pode contribuir para as questões apresentadas.



### ***Coração de Basalto***

Jonas, um paulistano solitário, parte para terras europeias em busca do pai cigano, que jamais conheceu. Suíça, Espanha, Itália, Grécia, Portugal. De Lisboa aos Açores. Longa é a jornada. Muitos os encontros e desencontros do coração.

O espetáculo está inserido no projeto de mestrado da **Universidade Nova de Lisboa** com o título:

***“Formação de Público na Comunidade Imaginária como Prática da Liberdade”***  
***(Um recorte com o espetáculo Coração de Basalto)***

O espetáculo fará um total de 32 apresentações tendo como público-alvo as associações ligadas à **ACIDI- Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural**.

Cada quarta- feira será dedicada a uma associação, evidentemente não tirando a opção do associado escolher qualquer outra quarta- feira para assistir o espetáculo.

**Dia 6 de março**, será dedicado à **Casa do Brasil**. Contamos com a sua presença.

Pretendemos que, a cada apresentação, um representante da associação, venha ajudar a fomentar a conversa em torno do tema ao final do espetáculo.

Aos associados da **Casa do Brasil** serão praticados preços simbólicos. Estimulando assim a maior presença possível durante a temporada. É necessário estar presente meia hora antes do início do espetáculo para reservas aos associados.

***Coração de Basalto/ De Março a Novembro (exceto agosto)***  
***Todas as quartas-feiras às 21hs no GotaTeatrOficina***  
***Calçada do Correio Velho -14/16 (Junto a Sé de Lisboa)***  
***Ingressos para associados, 1€***



**GOTA** TeatrOficina  
**Associação Cultural**

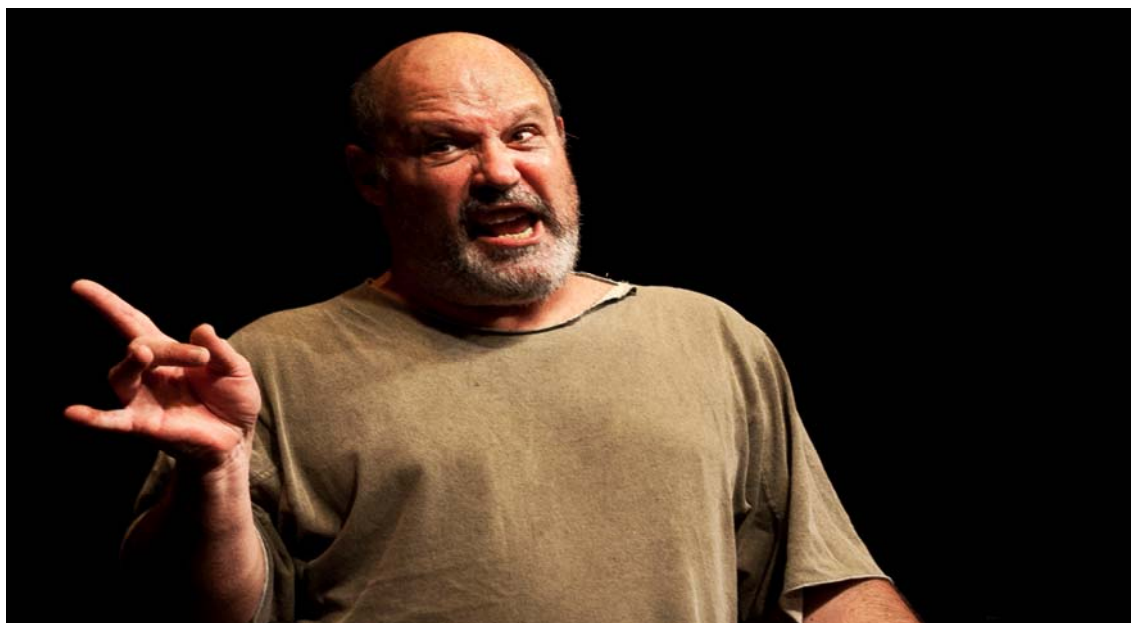
Sempre tive o cuidado de ensaiar o espetáculo todos os dias antes das apresentações. Costumo chegar horas antes e me preparar para o dia, tentando sempre buscar uma solidez para o trabalho e sempre com a preocupação de levar ao espectador o melhor que possa dar.

*“Podemos então definir o teatro com o “o” que ocorre entre o espectador e o ator”. Todas as outras coisas são suplementares - talvez necessárias, mas ainda assim suplementares” (20)*

Sabia que o desafio era grande nesse “fazer teatral” com tantas apresentações e sem nenhum tipo de apoio, apesar de toda a colaboração da equipe do Gota e da ACIDI. Tudo pronto para a estreia, ou quase tudo. Ainda tinha dúvidas sobre o inquérito. As questões referidas na página 27 eram feitas na conversa final com o público e anotava sempre a cada apresentação o resultado daquela noite. Mais a frente, aos espectadores que deixavam seus endereços no final, um inquérito mais elaborado (que anexo na página 34) era enviado por e-mail.

Num projeto dessa natureza é mais do que comum as dúvidas (eu diria que necessárias). Formar uma plateia é formar futuro.

Coração de Basalto ainda estava em processo, tanto em criação como na formação de uma plateia. A estreia correu bem e com a presença da RTP 2.



***Estreia de Coração de Basalto em março de 2013 | Foto: Mariis Capela***

---

(20) Jerzy Grotowski - *Em Busca de um Teatro Pobre* - Rio de Janeiro - Editora Civilização Brasileira 1987 - pág 28

Inquérito para o **Mestrado de Artes Cênicas da Universidade Nova de Lisboa**  
Tendo como objeto de estudo o espetáculo **Coração de Basalto**

Inquérito realizado pelo ator **Guilherme Freitas**

Que está em cartaz, todas as quartas feiras às 21h, no **Gota TeatrOficina**

O projeto tem como título:

**Formação de Público e Comunidades Imaginárias como Prática de Liberdade**

1-Idade

2-Sexo

3-Profissão

4-Quantas vezes vai ao teatro por ano?

Uma vez ao ano ☐

Duas vezes ao ano ☐

Uma vez por semana ☐

Mais vezes ☐

Outros ☐

5-Como ficou sabendo do espetáculo?

6-Já conhecia o Gota TeatrOficina?

7-Pelos últimos dados do Instituto Nacional de Estatística o teatro tem perdido público na ultima década. Como você vê esse afastamento?

8-Qual a sua nacionalidade?

Português

Estrangeiro ☐ Qual? \_\_\_\_\_

9-O tema do espetáculo lhe agrada?

10-O trabalho do ator no espetáculo, o que tem a falar sobre ?

11-O que, na sua opinião, falta para melhorar o espetáculo?

12-Você mora longe do teatro ou perto? Muda alguma coisa estar longe ou perto?

13-Se você pudesse imaginar um mundo melhor para a cultura o que seria?

Abaixo fica um espaço para considerações gerais ou alguma coisa que não teve espaço para responder e que gostaria de deixar a sua opinião:

Lisboa, março a julho de 2013

---

# Os primeiros diálogos, a temporada e a “Comunidade Imaginária”.

No primeiro encontro no diálogo com a plateia aconteceu ainda muito tímido, aparentemente, sem muito interesse. Respeitei e continuamos a temporada.

Percebia que a cada final de apresentação existia um certo “medo” de se expressar o que me preocupava, pois poderia não obter “respostas” que pudessem contribuir com o projeto.

A pergunta central do trabalho: por que o público hoje está se afastando das salas de espetáculos?

Isso percebi na prática diária com a inexpressiva plateia durante a temporada.

Mas as respostas ainda não as tinha. Reforçamos a divulgação.

<http://www.youtube.com/watch?v=cJWy8wpaAQ8>

O espetáculo crescia e “Jonas” levava com ele essa troca, espectador /ator. De certa forma esse “medo” de se expressar ia ao encontro de “Jonas” na procura daquele “lugar” já mencionado. Afinal, aonde estava “Jonas”? Estávamos interagindo, juntos, na busca de respostas a esse “lugar”. A única coisa que “Jonas” sabia era que estava à procura do pai.

*“A plateia de teatro toma corpo; o corpo de cada espectador repercute nos corpos que o cercam e, além disso, no palco e na escuta dos atores cuja atuação era infalivelmente afetada, positiva ou negativamente. A análise do espetáculo deve ressaltar as reações da plateia avaliar-se do impacto no desenvolvimento do espetáculo. Não são momentos isolados, mas toda uma estrutura de sentido que se coloca e organiza o conjunto da recepção.” (21)*

O mês de março chegava ao fim e os diálogos com a plateia e os contatos com as associações catalogadas no site da ACIDI, caminhavam paralelamente a esse “medo”, a plateia com imensa dificuldade de falar sobre o tema, ainda considerado um certo “tabu”, a questão de migrar, do retorno e de uma busca interior. Essa busca de todos nós, as associações com certa distância de um assunto de total interesse aos seus membros. Passavam-se semanas até se conseguir chegar ao responsável e, quando chegava, as marcações eram suspensas em cima da hora, quase como se não tivessem nenhuma “responsabilidade” com isso.

---

(21) Patrice Pavis - A Análise dos Espetáculos - São Paulo - Perspectiva - 2003 - pág 227

Em seu livro Portugal, Hoje O medo de Existir, José Gil em entrevista à Revista Pública, em janeiro de 2005, declara:

*Pública - É aquilo a que chama de «não-inscrição». Que significa?*

*José Gil - Significa que os acontecimentos não influenciam a nossa vida, é como se não acontecessem. Por exemplo, quando uma pessoa ama, esse sentimento não afeta outra pessoa, objeto do amor. Quando acabamos de ver um espetáculo não falamos sobre ele. Quando muito, dizemos que gostámos ou não gostámos, mais nada. Não tem efeito sobre as nossas vidas, não se inscreve nelas, não as transforma. Ainda outro exemplo: o primeiro ministro, Santana Lopes, classificou a dissolução da Assembleia da República pelo Presidente como “enigmática”. Não disse que era incorreta ou injusta, mas “enigmática”, o que é a forma mais eficaz de a transformar em não-acontecimento.*

*P - E não tendo acontecido, ninguém é responsável.*

*JG - Exatamente. Pode-se continuar como se nada tivesse passado. Os acontecimentos não se inscrevem em nós, nem nas nossas vidas, nem nós nos inscrevemos na História. Por isso, em Portugal nada acontece.*

*P - Isso vem de onde?*

*JG - Do medo. E da falta da ideia de futuro. Vivemos num presente que se perpetua. Não se inscreve em nós o futuro nem o passado, a História. Porque temos medo.*

Mas ainda não era a esse “medo” que me referia. “Jonas” percorria a temporada nessa busca. Que “medo” era esse que compartilhávamos a cada apresentação?

Dentro da minha “comunidade imaginária” do meu pequeno “país” onde todas as associações pudessem ser concebidas “como uma profunda camaradagem horizontal” \*.

Mas como traçar essa linha “imaginária” se no dia a dia percebia que a maioria das pessoas, tanto o público quanto as associações, não conheciam o Gota?

Precisávamos de uma divulgação melhor para a localização do GotaTeatrOficina.

Comecei a divulgar o local, aos poucos, pelas redes sociais, com vídeos em torno do Gota TeatrOficina. Apesar de uma história de 40 anos, o teatro esteve fora de atividade entre 2003 e 2010. Um bom motivo para o público esquecer a sua localização.

Caminhos do Coração

<http://www.youtube.com/watch?v=LV5qkHoRygl>

<http://www.youtube.com/watch?v=Scr3zduhkBg>

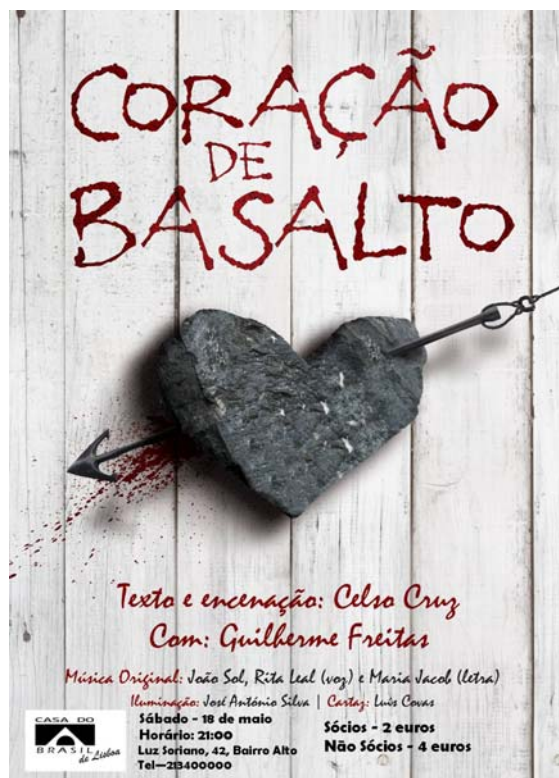
<http://www.youtube.com/watch?v=Scr3zduhkBg>

---

\* Benedict Anderson - Comunidades Imaginadas - São Paulo - Companhia das Letras - 2008  
pág 34

Se o público não vinha ao teatro, o espetáculo foi atrás desse público-alvo.

A primeira investida foi na sede da Casa do Brasil e em seguida em Leiria, com a parceria entre a AMIgrante e a Companhia Nariz Teatro.



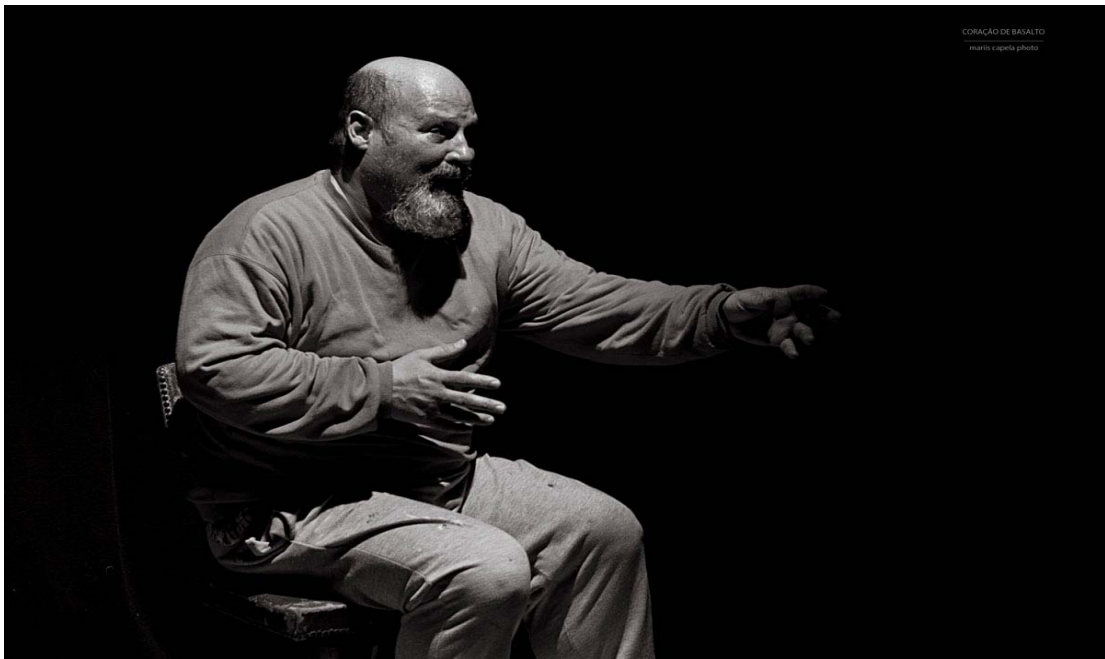


Com as saídas da sua casa mas ainda dentro da sua “comunidade imaginada”, e a temporada a correr, o “fazer teatral”, com sua dinâmica “mágica”, começa a trazer respostas a “Jonas” do “lugar” em que se encontrava, como se estivesse numa espécie de “síndrome” no “lugar” em que habitava seus delírios.

Fui investigar as possibilidades dessa “síndrome” e me deparei com o Professor Doutor Joseba Achotegui Joseba Achotegui, especialista em psiquiatria pela Universidade de Barcelona e suas descobertas em torno do que ele denomina “A Síndrome de Ulisses”\*. A partir dessa investigação percebi que “Jonas” encontrava-se em plena “Síndrome de Ulisses”. Um ganho excepcional para o espetáculo que trouxe um entendimento mais apropriado para o “medo”\*\* que, de certa forma, as associações se enquadram.

\* <http://www.tribunalatina.com/es/viewer.php?IDN=6101>

\*\* <http://www.levante-emv.com/juntos/2008/06/24/joseba-achotegui-inmigrantes-miedo-hacerse-visibles-integracion-sera-imposible/464213.html>



***Coração de Basalto - Maio 2013 - GotaTeatrOficina | Foto: Mariis Capela***

As dificuldades também se enquadram nas formatações de convidados para os encontros e diálogos em torno da grande pergunta à qual venho reproduzindo: “por que o público hoje está se afastando das salas de espetáculos?”

Continuamos a divulgação e o trabalho com o público-alvo.

<http://www.rtp.pt/play/p658/e119688/gente-como-nos>



*Coração de Basalto - Junho 2013 - GotaTeatrOficina | Foto: Mariis Capela*



Os meses seguintes foram os mais difíceis da temporada, principalmente maio. Em junho tivemos recuperação do público e em julho, uma queda.

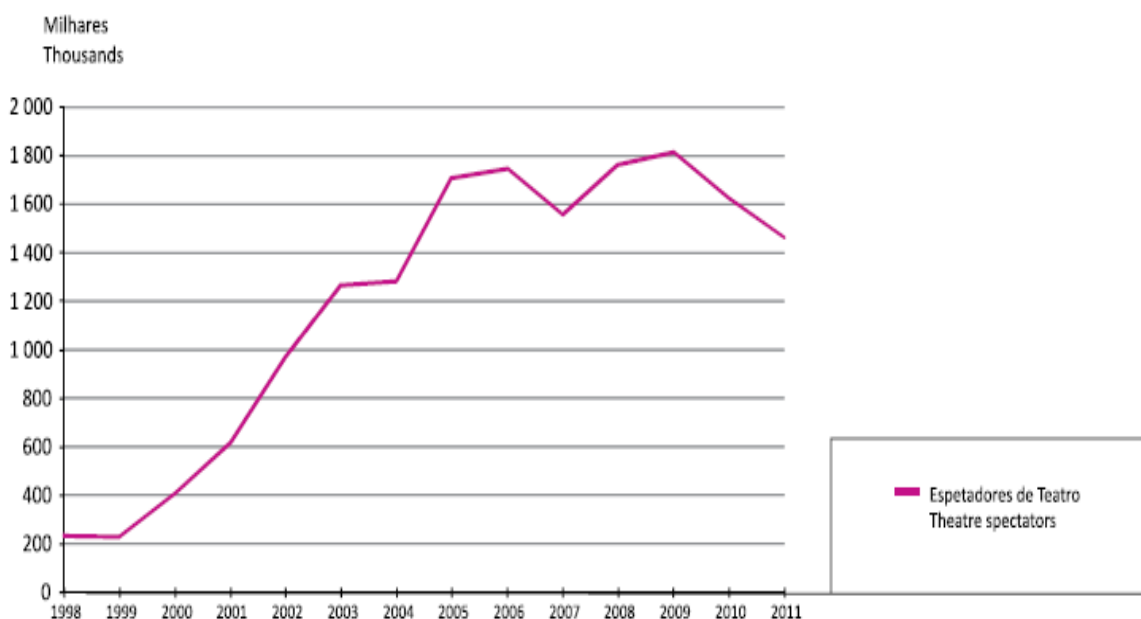
Na temporada de março a julho o projeto atingiu 250 espectadores. Foram 22 apresentações (sendo duas fora do Gota). Além disso 30% das apresentações não aconteceram por ausência de público.

Este número esteve longe da estimativa inicial. Porém, a meu ver, o importante são os aspectos qualitativos do projeto e não quantitativos. A participação, a cidadania, a possibilidade de formar um público em torno do espetáculo que reflita sobre as questões de alteridade e o que isso pode mudar no modo de pensar “o outro”. Além das contribuições com as anotações, ao final do espetáculo, e as respostas aos inquéritos.

O gráfico abaixo do Instituto Nacional de Estatística (INE, I.P.) confirma o afastamento do público de 2009 para cá.

### II.3.1. Espetadores de teatro

#### II.3.1. Theatre spectators



Fonte: INE, I.P. – Inquérito aos Espetáculos ao Vivo

Source: Statistics Portugal – Cultural live shows survey

*“ Nós não precisamos transformar espectadores em atores. Nós precisamos é reconhecer que cada espectador já é um ator em sua própria história e que cada ator é, por sua vez, espectador do mesmo tipo de história.” (22)*

Dentro da nossa “comunidade imaginada” já temos um parâmetro da população. Dentro deles podemos organizar suas “reivindicações”.

Nem sempre a cada final do espetáculo o diálogo acontecia. As vezes o “medo” era tanto que mal dava tempo de abordar o tema junto à plateia. Mal terminava e já estavam saindo.

Porém, quando acontecia era fantástico. Todas as conversas eram muito produtivas e desenvolviam temas e debates pertinentes à pergunta chave do trabalho exaustivamente reproduzida: “por que o público hoje está se afastando das salas de espetáculos?”



**GotaTeatrOficina | Diálogo de Coração de Basalto - Junho 2013 | Foto: Mariis Capela**

---

(22) *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas - Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina) - O espectador emancipado - Jacques Rancière - Nº 15*  
pág 118 <http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2010/index15.html>

Esses diálogos eram enriquecedores ao “fazer teatral”. A cada conversa, “Jonas” ia perdendo o medo de ser “visível” e a cada apresentação crescia sua interação com a plateia e sua busca interior se “completava” ao encontro desse “pai” interior. Aos poucos “Jonas” ia “tecendo” suas rosas e seus espinhos na “comunidade imaginada”.

*“Mas, para produzir uma bela flor, temos de saber no que consiste a semente. Acredito que essa bela “flor” nasça da abertura do coração. Devemos descobrir como isso se dá, uma vez que a qualidade da nossa atuação reflete isso. Mesmo que o corpo esteja velho e decadente, alguma coisa especial e límpida pode surgir se tivermos cultivado um coração forte e aberto. Isso ultrapassa a técnica.” (23)*

Tinha a preocupação que essa “semente” fosse bem cuidada e cultivada desde as primeiras gestações da ideia de Coração de Basalto ser objeto de estudo de um trabalho de “formação de público”, em novembro do ano passado.

A publicação retroativa, em março desse ano, de Cirila Bossuet, uma jovem atriz da Cia. Aqui Há Bicho\*, em Sintra, trouxe ao “fazer teatral” e ao seu fruir, um norte. Estamos caminhando.

*“Essa peça é muito especial porque retrata, de forma intensa, vivências muito marcantes do passado da personagem que toca ao espectador e fá-lo identificar-se com todos aqueles momentos. A forma como é interpretada pelo Guilherme, é estrondosa! Acho que nunca tinha visto tanta energia do início ao fim, mesmo nos momentos em que a peça requer uma certa “pausa” ele sabe como ter a presença certa, que faz com que nos impeça de tirar os olhos de cima dele. É incrível a consciência que o ator tem sobre o seu corpo e voz, porque a peça dura cerca de uma hora e tal e não se notou um único momento de cansaço ou de alguma falta de energia! As palavras, as frases, os monólogos que Celso Cruz escreveu são muito envolventes, dá imensa vontade de querer que ele escreva algo para nós e que possamos fazer TEATRO tal e qual como Coração de Basalto: é TEATRO.*

*Aconselho-vos a assistir, até porque têm até Novembro para poder comprovar aquilo que referi e deliciar-se com esta Arte com tantos adjetivos positivos e negativos. Só sei dizer que é uma Arte Mágica! Quero dar os parabéns ao Gota TeatroOficina, ao Celso Cruz e ao Guilherme Freitas pelo grande trabalho que desenvolveram! ”*

<http://omonologodecirila.blogspot.pt/2013/04/coracao-de-basalto.html>

---

(23) Yoshi Oida - O Ator Invisível - São Paulo - Via Lettera - 2007 - pág 23

\* <https://www.facebook.com/aquiha.bicho>

# As anotações, os inquéritos, as entrevistas,... um balanço?

## As anotações

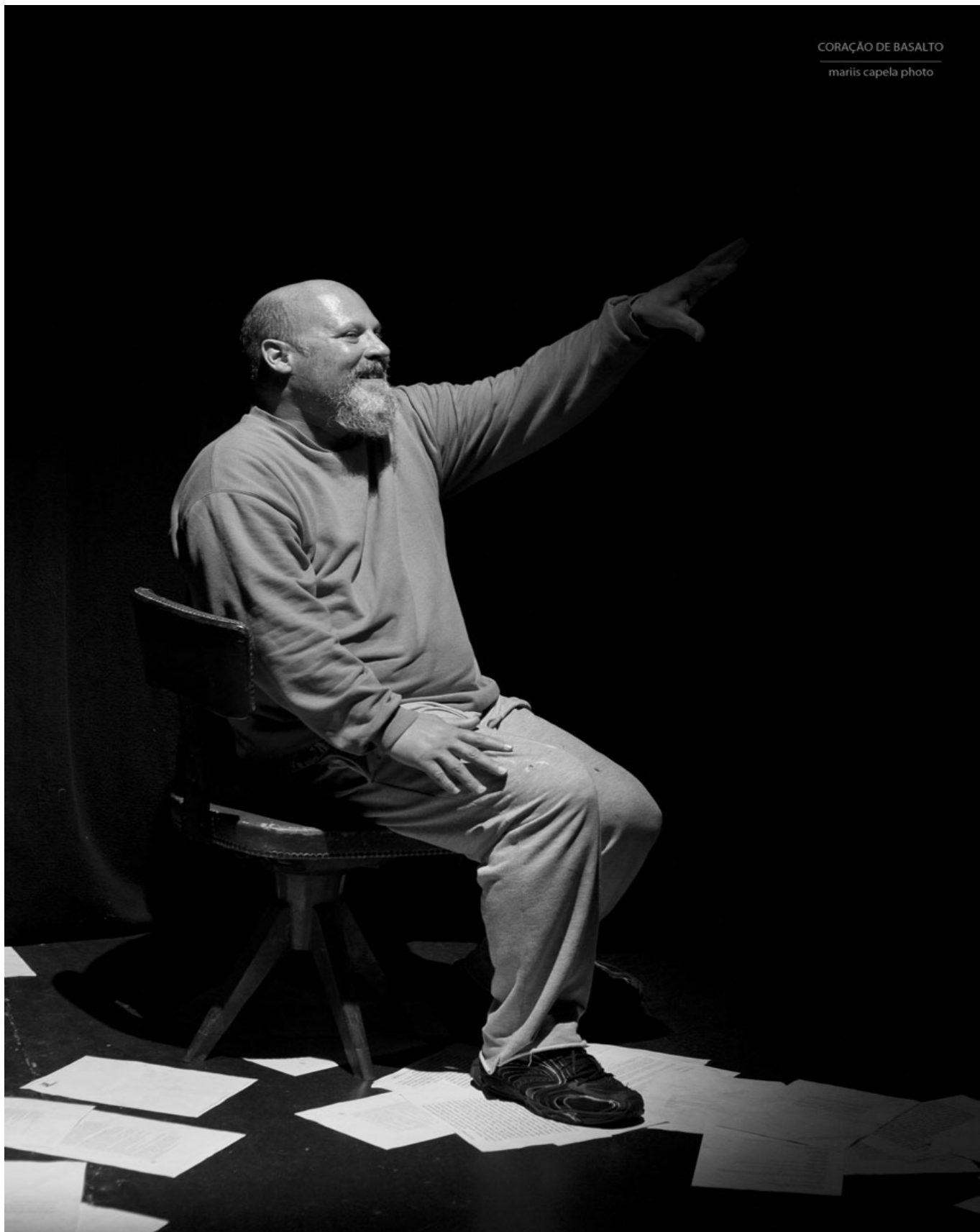
Fim da temporada que abrange o trabalho entre março e julho.

Das anotações diárias, nos diálogos em cima da pergunta chave (por que o público hoje está se afastando das salas de espetáculos?), saíram os seguintes comentários\*.

- Há uma grande falta de investimento na educação e na cultura.
- O público acha os preços dos ingressos em sua maioria caros.
- Acham que em Portugal falta muita informação sobre os eventos culturais privilegiando em sua maioria os artistas já consagrados.
- Acreditam que “parte” desse afastamento é de responsabilidade da mídia com seu interesse “perverso” mais focado em “vida pessoal” do que na divulgação das artes em geral.
- Tiveram uma má “experiência” no que se refere à qualidade dos espetáculos.
- As novas tecnologias e as redes sociais afastaram o público dessa convivência direta e íntima que o teatro oferece. Hoje “temos medo da intimidade”.
- O teatro ainda não encontrou seu espaço no “mercado”.
- A crise atual não permite muito que dediquemos um tempo a pensar e em sair de casa para ir ao teatro.

---

*\* Foram os mais correntes (em minhas anotações) durante os diálogos. Os coloquei nessa ordem pela quantidade de vezes que surgiam. Não escolhi porcentagens pois os diálogos não ocorreram em todos os espetáculos e poderia aqui cometer um erro estatístico. A investigação está mais focada na possibilidade de formação de público. Além disso são apenas anotações e não um inquérito.*



*Coração de Basalto - Julho 2013 - GotaTeatrOficina | Foto: Mariis Capela*

# Os inquéritos

Há inúmeras pesquisas com esses números publicadas no Instituto Nacional de Estatísticas (INE, I.P.)\* e no Observatório de Atividades Culturais. Por outro lado os inquéritos que foram respondidos por e-mail (cujo conteúdo pode ser revisto na página 28), tiveram um panorama que pode ser muito interessante para o projeto. Destaco as questões 7 e 13. Antes, porém, citarei dados relativos à idade, sexo e profissão e às outras questões.

- Houve um equilíbrio entre o público feminino e masculino.
- Foi observada uma faixa etária entre os 30 e 35 anos. Em algumas apresentações o público entre 20 e 25 liderava, principalmente quando eram escolas ligadas às Artes Cênicas como foi o caso de alguns alunos da Universidade de Évora e da Inimetus-Escola de Atores em Lisboa, quando fizemos duas apresentações.
- As profissões eram bem diversas, com destaque para professores, estudantes e artistas de várias áreas.
- A frequência média é de duas vezes por ano.
- Tiveram conhecimento do espetáculo por intermédio de amigos e redes sociais.
- 80% do público não conhecia o Gota TeatrOficina.
- As nacionalidades ficaram restritivas, bem como divididas, entre portugueses e brasileiros (50%/50%). A ausência de pessoas de outras nacionalidades causou estranheza.
- O tema agrada à maioria. Mas todos reconheceram que o assunto é polemico e perturbador.
- No tocante ao trabalho de ator, todos teceram elogios ao seu desenvolvimento, destacando-o como “intenso e que chega ao público”.
- Para melhorar o espetáculo tivemos respostas muito diversas: desde uma melhor divulgação além da melhoria nas questões técnicas de luz e som e melhores condições do teatro.
- Em quase 90% das respostas, morar perto facilitaria muito a ida ao teatro evitando assim gastos com transporte (que hoje em dia é caro). Além disso, em alguns casos, “morar longe provoca uma certa inércia para sair de casa”.

---

\* [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_main](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main)  
<http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm>

# As entrevistas (Opiniões selecionadas)

*Os entrevistados solicitaram privacidade no que diz respeito à divulgação de seus nomes*

Pelos últimos dados do Instituto Nacional de Estatística o teatro tem perdido público na última década, como você vê esse afastamento?

## **Professor, 55 anos**

*“O público tem se afastado realmente mas não só do Teatro. Todas as manifestações artísticas e culturais têm sofrido comprovadamente com esse afastamento, desde o cinema (e não só o cinema “não comercial” – se isso existe), as exposições, os museus, os concertos e até os festivais de música ou de artes combinadas (são poucos os exclusivamente de Teatro...) e os livros.*

*As razões desse afastamento têm provavelmente a ver com dificuldades financeiras familiares (e com o medo real ou imaginário de que essas dificuldades se tornem insuperáveis); com uma sensível alteração de prioridades, fruto quer, de um menor rendimento salarial quer, penso que sobretudo, de um discurso político permanente de depreciação das práticas de fruição (adquirir, frequentar, ouvir, sentir, olhar) dos valores e produtos artísticos e culturais que conduz a uma certa banalização da ideia da sua inutilidade como fator de afirmação da cidadania e da individualidade; uma maior dificuldade em encontrar diversidade de propostas acessíveis fruto de uma retração dos produtores, de dificuldades acrescidas de mobilidade e divulgação dos espetáculos.*

*Mas os produtores também têm responsabilidades neste quadro.*

*As manifestações teatrais que ainda conseguem um fluxo de público digno de nota são, para além de alguns fenómenos isolados, aquelas que se desenvolvem com uma forte ligação às comunidades locais (particularmente aquelas que envolvem a própria comunidade).*

*Nem sempre estas ligações se concretizam numa base amadora é bom que se note. O que acontece é que as companhias raramente souberam ou quiseram tornar o seu público gente próxima, cúmplice, reforçando laços quando o podiam fazer – espetáculos gratuitos só para os vizinhos do Teatro, uma vez por produção por exemplo, descontos nos bilhetes para públicos organizados com forte “clima” (como se diz no estudo das organizações) e só para eles – uma escola secundária (a que fica ao lado fica para outro dia ou outro espetáculo), os funcionários de uma câmara municipal, os empregados de uma empresa de qualquer coisa (ou duas empresas mas da mesma coisa porque eles conhecem-se...).*

*Este trabalho, e muito outro que devia ter sido feito, não foi. Agora não há, por enquanto, condições para o fazer. ”*

**Se você pudesse imaginar um mundo melhor para a cultura o que seria?**

*“Aquele em que os artistas e suas obras fossem tratados com dignidade. Aquele onde a diversidade e a liberdade de criação seja tão natural como ver num campo muitas flores, calmamente, a verem-se umas às outras. Aquele onde o meu vizinho que não percebe metade do que eu digo me encontre no café e me diga: “não percebi nada” e fiquemos um bocadinho a falar disso os dois”*



Pelos últimos dados do Instituto Nacional de Estatística o teatro tem perdido público na última década. Como você vê esse afastamento?

### **Engenheiro, 29 anos**

*"Com a democratização de meios audiovisuais como a televisão, na segunda metade do século XX, ou a Internet, no final do século XX, que passaram a ocupar grande parte do tempo de lazer dos cidadãos, artes, como é o caso do Teatro, não conseguiram encontrar formas, métodos, estratégias e abordagens alternativas para recativar, remotivar, relançar uma realização mais integrada na vida actual da sociedade portuguesa.*

*O teatro não conseguiu acompanhar o consumismo desenfreado, facto que por um lado é benéfico pois não viu a sua essência ser alterada por razões meramente capitalistas, o que faz deste afastamento "temporário" do público uma oportunidade para esta arte e seus profissionais poderem repensar-se, redescobrir-se e reavaliar-se como parte integrante da Humanidade."*

Se você pudesse imaginar um mundo melhor para a cultura o que seria?

*"Imaginaria os governos dos países democráticos a criar um "passe cultural"\* que permitisse aos cidadãos usufruírem de actividades culturais várias, como entradas económicas em espetáculos de teatro, poesia, dança, museus etc."*

#### **Links das entrevistas\***

<http://www.youtube.com/watch?v=saVWDo9QC6I>

<http://www.youtube.com/watch?v=zbaahTzwdAc>

<http://www.youtube.com/watch?v=glynRX6uFms&feature=c4-overview&list=UUxOF223unwyrKWUnC1ObuNg>



**GotaTeatrOficina - Preparação para o espetáculo - Julho 2013 | Foto: Mariis Capela**

---

\* Nota : no Brasil o "Vale Cultura" foi regulamentado em agosto deste ano por meio de decreto da presidente Dilma Rousseff.

<http://www.youtube.com/watch?v=9SEDjYSzf2Q>

<http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=27/08/2013&jornal=1&pagina=4&totalArquivos=128>

\*\* As entrevistas estão divididas em partes (estúdio e externas). Os ruídos originais foram mantidos a fim de não se perder a espontaneidades das declarações.

## Um balanço?

Entre as anotações diárias e os inquéritos é possível fazer um pequeno balanço do que essa “comunidade imaginada” percebe e sente. Não cabe ao projeto essa análise e sim deixar registradas algumas das possíveis respostas ao porquê do afastamento do público das salas de espetáculo e contribuir com projetos futuros. É claro que esse “desejo” do público, vai de encontro com a falta de investimento.

*“As notícias vindas de Portugal são apocalípticas: queda de 75% do investimento público na cultura, para 0,1% do PIB entre 2002 e 2012; cortes de 40%, 60% e 100% nos apoios quadrienais, bienais e anuais/pontuais, respectivamente, entre 2010 e 2012; extinção do Ministério da Cultura em 2011.”(24)*

Muitos alertas estão vindo à tona nesse momento e tentando tirar da asfixia o “fazer teatral” e sugerir mudanças.

*“No teatro, em Portugal, muitos são incensados no primeiro instante da sua jovem ascensão para logo serem esquecidos e as continuidades não se afirmam pela coerência de linhas de defesa e ataque artísticas, mas pelo efeito apaziguador do tempo: reconhece-se aquilo que converge para o consenso e não deixa moça, o que já vinha com o selo do reconhecimento estabelecido pelas capelas proprietárias do que se diz e se pode dizer. E as unanimidades são um abraço de urso, asfixiam aquilo que elegem-no reconhecimento vem a par do desconhecimento, forma de retirar “febre” à obra, descontaminando-a de qualquer veneno que sirva à mudança, neutralizando-a ” (25)*

O trabalho de formação nem sempre é fácil. As “conquistas” demoram muito para aparecer. O processo tem que exercer uma continuidade e com ele reflexões para a construção do “fazer teatral” que revaloriza a importância cultural da atividade teatral como o projeto propõe e, formando um público que pode ser, dentro dessa “comunidade imaginada”, o grupo de “atores” do amanhã.

*“O palco do teatro e a cena teatral tornam-se então a mediação evanescente entre o mal do espetáculo e a virtude do teatro verdadeiro. Eles apresentam, para uma plateia coletiva, espetáculos que pretendem ensinar aos espectadores como eles podem deixar de ser espectadores para que se tornem atores de uma atividade coletiva. Ou, de acordo com o paradigma Brechtiano, a mediação teatral torna a plateia atenta à situação social em que o próprio teatro se encontra, dando a deixa para a plateia agir conseqüentemente. Ou, de acordo com o esquema Artaudiano, faz com que eles abandonem a condição de espectador: eles não estão mais sentados diante de um espetáculo, estão cercados pela cena, arrastados para o círculo da ação, o que devolve a eles sua energia coletiva” (26)*

---

(24) Camarim - Revista da Cooperativa Paulista de Teatro - Jorge Loureiro - pág 17  
<http://www.cooperativadeteatro.com.br/2010/wp-content/themes/mimbo2.1/camarins/Camarim46.pdf>

(25) Fernando Mora Ramos [et al.] - Quatro Ensaios Boca de Cena - Lisboa  
Edições Cotovia - 2009 - págs. 21/22

(26) Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas - Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina) - O espectador emancipado - Jacques Rancière - Nº 15  
pág 112 <http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2010/index15.html>

A formação continuada vai concretizando parcerias e as “vitórias” do “fazer teatral” somadas ao tempo e ao fruir da relação palco/plateia/ator/público se organizam em pequenos avanços que podem constituir um futuro do diálogo entre Coração de Basalto e seu “público-alvo” dentro dessa grande “comunidade imaginária” tornando mais visível a participação na sociedade.

As parcerias entre a ACIDI e o “fazer teatral” de Coração de Basalto vão se consolidando e trazendo aos poucos credibilidade junto ao público-alvo.

O Gota TeatrOficina aos poucos vai reconstruindo o seu “lugar ao sol” no primeiro ensaio aberto o número de “Likes” na pagina do Facebook eram de 245 e hoje (21/9) está em 894: um ganho representativo pois já não perguntam mais onde é o Gota mas sim em que dias e quais horários estaremos em cartaz (claro que dentro desse pequeno universo, pois a maioria do público ainda nem sequer imagina onde fica o Gota TeatrOficina).

A descoberta de “Jonas” durante o percurso de formação e diálogo com a plateia - que trouxe uma contribuição fundamental para o espetáculo e para a sua continuidade - torna a interação entre o imigrante e a sociedade, uma possibilidade de ser “visível” e sem “medo”.

Nesse devir de parcerias, Coração de Basalto vai paulatinamente formando seu público e contribuindo para a valorização do “fazer teatral”.



*Coração de Basalto - Julho 2013 - GotaTeatrOficina | Foto: Mariis Capela*

## Conclusão

Postular a possibilidade de formação de público em torno de um espetáculo é sempre um desafio, principalmente para um público de realidades culturais tão diferentes.

O conceito de “Comunidades Imaginadas” é bem verdade que ajudou muito a equacionar essas questões.

E pode trazer à tona a pergunta chave do projeto: “por que o público hoje está se afastando das salas de espetáculos?”

Esse afastamento vai além dessa pergunta. É necessário quebrar o paradigma de que o “fazer teatral” é só para “alguns”.

Claro que a falta de investimento reforça essa realidade de hoje.

Mas em França, onde há uma grande rede cultural descentralizada e ativa e com índices em torno de 1% do orçamento do Estado já nos anos 80, uma pesquisa realizada, nessa mesma época, mostra que “61% dos franceses nunca tinham ido ao teatro e 26% já não o frequentavam há quatro anos”

É fundamental uma mudança urgente na “mentalidade”, no teatro e no “fazer teatral”. Precisamos confiar na criação artística como prática integrante da sociedade, tão importante quanto qualquer necessidade básica.

Guy Debord em seu filme “A Sociedade do Espetáculo”, baseado em seu próprio livro diz: “O mundo já foi filmado, falta agora mudá-lo”.

Digo não à inércia e um sim à ternura!

*“A ternura não é uma questão poética, ela é a condição fundamental para fazer uma sociedade que nos permita considerar o outro como a nós mesmos, ou seja, capaz de idealizar maneiras de não-exclusão, de pensar um mundo no qual todos sejam incluídos e humanos” (27)*

---

\* <http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm> pág 4

(27) José Bernardo Touro - *A Construção do Público: cidadania, democracia e participação* - Rio de Janeiro - Editora Senac Rio - 2005 - págs 54/55

Que inércia é essa que conduz a sociedade “moderna”?

E conduz “nefastamente” sem interesse por nada, onde os grandes meios de produção levam ao consumo desenfreado e totalmente vazios de conteúdo.

Formar um público vai muito além de números sentados em poltronas.

É educar, é transformar por pequeno que seja.

O “fazer teatral” tem esse “poder ” de mudanças tão essenciais e humanas. E pode, afugentar esse espectro que projetam todos os dias, todas as horas, todos os segundos de que, para vencer, tem que “ter” e não “ser”.

É um ato político que tem que ser praticado em todas as suas extensões.

Emancipando o espectador , o ator, todos , de toda a mesmice que nos rodeia.

E trazendo de volta o interesse no outro e formando espectadores onde todos tenham o direito a educação, saúde, trabalho, informação e possam simplesmente florescer.

*“O que pode, essencialmente, um emancipado é ser emancipador: fornecer, não a chave do saber, mas a consciência daquilo que pode uma inteligência, quando ela se considera como igual a qualquer outra e considera qualquer outra como igual a sua. A emancipação é a consciência dessa igualdade, dessa reciprocidade que, somente ela, permite que a inteligência se atualize pela verificação. O que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência.” (28)*

---

(28) Jacques Rancière - *O mestre Ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual*  
Belo Horizonte - Autênticas Editora - 2002 - pág 50

## Bibliografia

ANDERSON, Benedict (2008), *Comunidades imaginadas*, São Paulo: Companhia das Letras

ARAUJO, Expedito (2008), *Núcleo Vocacional: Criação e Trajetória*, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura

ARTAUD, Antonin (2006), *O Teatro e Seu Duplo*, São Paulo: Martins Fontes

BARBA, Eugenio (1994), *A Canoa de Papel-Tratado de Antropologia Teatral*, São Paulo: Hucitec.

BOAL, Augusto (1982), *200 Exercícios e Jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira

BRECHT, Bertolt (2002), *O Círculo de Giz Caucasiano*, São Paulo: Cosac Naify

BRECHT, Bertolt (1978), *Estudos Sobre Teatro*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira

BROOK, Peter (2007), *O Teatro e seu Espaço*, Rio de Janeiro: Editora Vozes

DESGRANGES, Flávio (2003), *A Pedagogia do Espectador*, São Paulo: Editora Hucitec

DESGRANGES, Flávio (2006), *Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo*, São Paulo: Editora Hucitec

FO, Dario (1998), *Manual Mínimo do Ator*, São Paulo: Editora Senac



GIL, José (2007), *Portugal, Hoje o Medo de Existir*, Lisboa: Relógio D'Água

GROTOWSKI, Jerzy (1992), *Em Busca de um Teatro Pobre*, São Paulo: Civilização Brasileira

OIDA, Yoshi (2008), *O Ator Invisível*, São Paulo: Beca

PAIS, Ana Cristina Nunes (2004), *O Discurso da Cumplicidade*, Lisboa: Edições Colibri

PATRICE, Pavis (2003), *A Análise dos Espetáculos*, São Paulo: Perspectiva

RANCIÈRE, Jacques (2002), *O Mestre Ignorante-cinco lições sobre a emancipação intelectual*, Belo Horizonte: Autêntica Editora

RAMOS, Fernando Mora *et alii* (2009), *Quatro ensaios à boca de cena: para uma política teatral e da programação*, Lisboa: Editora Cotovia.

STANISLAVSKI, Constantin (1999), *A Preparação do Ator*, São Paulo: Civilização Brasileira

TORO, Jose Bernado (2005), *A Cosntrução do Público: Cidadania, democracia e Participação*, Rio de Janeiro: Editora Senac Rio

## LINKS, REVISTAS E PERÍODICOS

### **Revista Vocare - Publicação do Programa Vocacional - São Paulo**

Projeto da Secretaria Municipal de Cultura em parceria com a Secretaria Municipal de Educação  
2011/2012 <https://docs.google.com/file/d/0B8JW7iUTy1FeaGc3NndqM2l5REU/edit?pli=1>  
<https://docs.google.com/a/globo.com/file/d/0B8JW7iUTy1Fed0M0Q1dKX0FiZ0k/edit>

### **Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal**

<http://www.rcaap.pt/results.jsp>

### **Sala Preta - Revista de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo**

<http://www.revistasalapreta.com.br/index.php/salapreta>

### **Cena - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas**

Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
<http://seer.ufrgs.br/cena>

### **DAPesquisa - Revista de Investigação em Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina**

<http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/cenicas/index.html>

### **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas do Programa de Pós-Graduação em Teatro CEART**

Universidade Estadual de Santa Catarina  
<http://www.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento>

### **Repertório - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes**

Universidade Federal da Bahia  
<http://www.revistarepertorioteatroedanca.tea.ufba.br>

### **Cadernos Virtuais de Pesquisa em Artes Cênicas**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
<http://www.seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/index>

### **Pitágoras 500 - Revista de Estudos Teatrais-Instituto de Artes - Universidade de Campinas**

<http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/pit500/index>

### **Karpa - Revista de Teatralidade e Cultura Visual**

California State University  
<http://www.calstatela.edu/misc/karpa/karpa1.2.html>

### **Vis - Revista do Programa de Pós Graduação em Arte da Universidade de Brasília**

<http://www.ida.unb.br/revistavis/revista%20Vis%20v9%20n1.pdf>

### **Portal do Instituto Nacional de Estatística**

[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_main](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main)

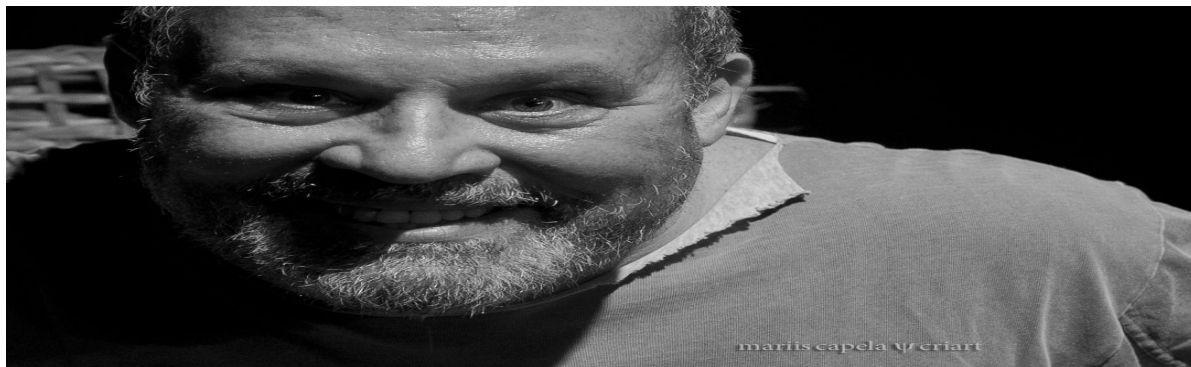
### **Observatório de Atividades Culturais**

<http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm>

# Anexos

## Release, Sinopse, Ficha Técnica e Texto

---



*Coração de Basalto - Estreia | Foto: Mariis Capela*

### Release

**Coração de Basalto** estreia dia 6 de março no **Gota TeatrOficina**, em Lisboa, e faz longa temporada.

**Todas as quartas-feiras, às 21h, de março a novembro** - parando só durante as férias de agosto.

Serão **32 apresentações**, sempre com uma conversa ao final do espetáculo, discutindo questões fundamentais da peça: imigração, cooperação, alteridade, humanidade.

O espetáculo faz parte do projeto de **Mestrado em Artes Cênicas** que o ator Guilherme Freitas realiza na **Universidade Nova de Lisboa**, "**Formação de Público na Comunidade Imaginária para a prática da Liberdade**".

O projeto tem como principal alvo as associações ligadas a **ACIDI** (<http://www.acidi.gov.pt>) e claro, o público em torno do **GotaTeatrOficina**, ao lado da Sé, no centro de Lisboa.

O objetivo é convidar o público a voltar a frequentar o Teatro. Oportunidade de viver grandes emoções, de conhecer uma das mais preciosas casas teatrais da cidade, obra do grande cenógrafo João Barros em parceria com José Antonio da Silva.

E de refletir sobre os interesses do público contemporâneo.

Estimulando, enfim, o diálogo entre a Comunidade e o Teatro.

Os ingressos terão preços populares.

5€(Inteira)

2,5€(Meia entrada)

1€(Associações ligadas a ACIDI)



*Coração de Basalto - Estreia | Foto: Mariis Capela*

## **Sinopse**

Jonas, um paulistano solitário, sempre acreditou nas palavras de sua mãe: “seu pai morreu assim que você nasceu, meu amor!”

Mas um dia, Jonas acaba descobrindo que, na verdade, seu pai é um cigano que, agora, deve viver em algum refúgio na Europa.

Juntando uns trocados, Jonas abandona a mãe e, seguindo poucas pistas, parte numa verdadeira missão.

Imigrante ilegal, Jonas conhece figuras incríveis e vive estranhas aventuras.

Suíça, Espanha, Itália, Grécia, Portugal...

Em terras lusitanas, Jonas zanza como animal ferido.

Lisboa, Évora, Açores.

Ele vasculha o país. Participa de uma tourada. Conhece amores brutos. Busca um teto, um prato, um copo, um cobertor ou uma mão estendida.

Longa é a jornada. Muitos os encontros e desencontros.

Até que Jonas alcance o Coração de Basalto.

# **Coração de Basalto**

## **Ficha Técnica**

Texto e Direção de Celso Cruz

Com Guilherme Freitas

Trilha Original - João Sol

Voz da Canção - Rita Leal

Letra - Maria Jacob

Iluminação - José Antonio Silva

Cartaz - Luís Covas

Fotos - Mariis Capela

Produção e Divulgação - Guilherme Freitas

Contatos: [producaomeiatonelada@globo.com](mailto:producaomeiatonelada@globo.com)

**Coração de Basalto**

**Celso Cruz**

*novembro de 2009/agosto de 2012*

*Para Guilherme Freitas, Fábio Cruz e Jonas Schuler.*

*Peça criada a partir da parceria com Guilherme Freitas.*

*Nossas viagens, nossas leituras dramáticas, nossos e-mails.*

**Sbat - direitos reservados - a Guilherme Freitas**



Pode me chamar de **Jonas**. Como na **Bíblia**. O profeta. O profeta que foi engolido pela baleia. Minha mãe que me deu esse nome. Aí começou a engordar, ficou peluda, engrossou a voz. Minha mãe vivia me dizendo: *teu pai morreu!* Ela dizia. *Assim que você nasceu! Você, meu filho, você nasceu, meu amor, meu amorzinho, amor meu, ele morreu!* E eu só pelos cantos, cantava: *ó, meu pai, tu já morreste! Tão pequenino eu fiquei! Suplica por mim a Deus, que eu por ti já supliquei!* Eu que nunca fui uma coisinha. Eu que já nasci graúdo e aí então fui crescendo, crescendo, fiquei assim, estás a ver? Nem gordo, nem magro. Minha mãe dizia: *robusto!* Vai dizer que eu tô mais pra **Moby Dick**, aquela velha baleia do cinema, dos desenhos, dos quadrinhos? *Quem me vê jamais esquece:* conhece essa frase? Ela vinha num adesivo que o pessoal colava nos carros, uma gravura estranha, umas manchas pretas num fundo branco, que uns carinhas assim, de repente, juravam que era o rosto de **Cristo!** Eu mirava os garranchos na janela do fusca, do carocha, não via nada, mamãe me botou no catecismo e tome missa e coisa e tal, até que um dia, quebrando uma esquina, colado numa banca de jornal, eu vi! *Que belezinha, meu amor, amor meu, você já está prontinho pra primeira comunhão!* Aqui entre nós, hóstia tem gosto de casquinha de sorvete, e dali por diante não dava mais pra deixar de ver o rosto de **Jesus** por aí sem pensar num **Chicabom**. Quem me vê jamais esquece. Nessa vida é assim com pouca coisa. **Moby Dick**, por exemplo. Pra mim, sempre foi, é, sempre será, aqui no coração, o rival branco do **Long Dong**. Tu conhece o **Long Dong**? O cara tinha um pinto, fora de brincadeira, que tinha tipo meio metro, por baixo. Vi no pôster central de uma revista chamada **Internacional**, uma revista de mulher pelada que saía lá no meu país, quando eu era moleque, mostrava algo mais que peitinhos, pelinhos,

mostrou até mesmo a inesquecível pila negra do **Long Dong**! Tremenda novidade. Varava a página dupla de fora a fora. Fez tanto sucesso com a molecada que no mês seguinte veio o segundo maior pinto do mundo: o branquela do Moby Dick! Por essa época minha mama já era mesmo uma tremenda duma **Moby**, tinha uma aposentadoria bem básica, toda desregulada, eu pegava remédio pra ela no posto. Aí, sem mais nem menos, um dia ela começa a se esgoelar: *seu pai não morreu, seu pai não morreu, seu pai não morreu...* Ela repete que nem disco velho riscado, chorando sobre umas coxinhas e empadinhas. *Seu pai é um gringo que eu conheci num baile e a gente namorou e eu engravidei.* Baleia safada, baleia safada e má, acabou devorada por um tubarão! Os tubarões, não que eles sejam maus, mas os caras não param nunca, os tubarões são predadores, vão engolindo tudo pelo caminho, como aquele do filme **Tubarão**, lembra, a gente viu no videocassete. *Filho, hoje ninguém mais tem videocassete.* Diz uma coisa: você, tu que estás me vendo agora, você tem? Esse barulhinho, se não me engano, é de uma velha câmera de vídeo, né? Tu tá gravando nossa conversa? Foda-se! Não, você não, desculpe. Foda-se tudo, de um modo geral. *Foda-se*, como o pessoal fala em terras lusitanas. Usa tanto, tão bem, pra tudo. E não é que *foda-se*, cá, queira dizer *foda-se* como lá, no meu país. Aqui o *foda-se* é bem mais fudido. Foda-se! Foi o que eu falei pra baleia da minha mãe quando ela me disse que meu pai não tava morto. *Olha a boca, menino!* Menino, não! Pode me chamar de **Jonas**. O profeta. *Seu moleque!* Sua crente! *Crente, não, tenho fé!* Me deu esse nome. *Nome de profeta.* Profeta só se fode.

Então foda-se! *Com o perdão da palavra, foi o que eu mesma disse quando ele foi embora.* Muita gente acha isso e acaba se fodendo. *Ele era gentil, ele era bacana.* Ele foi embora! *Ele não para nunca.* Como os tubarões. *Acho que ele é do **Leste Europeu**.* Sorte dele. *Ele é cigano.* Então se fudeu, que lá na **Europa** ninguém gosta de cigano. Lá ninguém gosta de ninguém. Vê se entende, no meu país, se o nego é preto, japa, portuga, carcamano, boliviano, haitiano, foda-se! No meu país, todo mundo fode com todo mundo. *Eu recebi uma carta do teu pai.* Vida é pior que novela da **Record**... *Acho que ele agora mora na **Suíça**!* A **Suíça** é boa pra guardar uma grana, quer dizer, pelo menos o **Maluf** guarda – tu conhece o **Paulo Maluf**? Meu velho deve ter um belo dum pé de meia... *Na carta ele diz que me amava, me amou, me ama, eu fui o amor da vida dele.* Essa porra fala de mim? *Ele gostaria, um dia, de te ver, te abraçar, cuidar de você.* Não ficou com nada da carta... *Rasguei e queimei, para não sofrer mais.* Então que é que é isso aqui no fundo da tua gaveta, junto com as bulas de remédio? *Estou tão desapontada...* Mãe, cê vive desapontada! Então aproveita e pega aí uma grana pra eu ir visitar meu pai! *Só tenho essa poupança pra, um dia, você fazer faculdade.* Já cruzei o cabo da boa esperança! *Ela é a última que morre!* Pois tu vai bem antes se não der a grana agora! Te enfio um pé na bunda com esse velho par de botas, a única herança do meu pai, essas belas botas de couro negro, que eu nunca tiro do pé, chulepentas botas minhas! Ou então, melhor, eu posso usar essa pistola! *Que é isso pivete, apontar negócio desses pra mamãe, onde é que você achou?* *Esse revólver também era coisa do teu pai!* Uma **Luger**. Dessas de guerra. Tu também tinha mocoçado. *Seu pai te segurou no colo!* E aí? *E aí ele foi embora!*

Que nem eu, agora? *Depois de encarar teu rosto, tendo vida já morri. Porém a noite passada, em sonhos teu rosto vi. Por detrás te vejo em cruz. Pela frente, sol e luz! Tu irás e teu pai acharás! Em busca de mim, tu tornarás?* Deus pode tudo quanto quer. *Tu acabarás em bem, amém.* Adeus, menina, adeus, senhora! Aí não lembro muito bem, só sei que na moral comprei passaporte e passagem, decolei pra cidadezinha suíça, encontro a casota do remetente... Neve... Ninguém... Nada! Nunca viram o cara mais gordo! Ai, ai, ai... Cadê minha mãe pra me fazer umas coxinhas... Umas empadinhas... Trabalho em cozinha, limpo banheiro encardido, eu que em casa não lavo cueca, merda é merda em qualquer canto, não muda nem o formato do tronço, a gente se vira quando a água bate na bunda, vou do jeito que dá, pelas bordas, de país em país, agarrado nos estepes dos caminhões, com as mercadorias. Polícia confisca cobertores de imigrantes sem-teto. Afegãos em busca de asilo caçados pela polícia em ferroviárias abandonadas. *É preciso ter fé, irmão!* Recita o pregador romeno num cortiço de **Barcelona**. *Eu era cigano, virei pastor.* Ele entrou pra boa e velha Igreja do nosso Bispo. *Quase toda a família já se converteu! Não há crise para quem tem fé!* Uma figura murmura num canto. *Fé tenho eu, que vim fazer programa na **Itália** e já comprei ap em **Sampa!*** Loira platinada, olhos verdes naturais, pele pretinha, peitos preciosos, activa e passiva, bumbum grande e empinado. *Se quiser, também posso ler tua mão!* Lá no nosso país isso é coisa de cigano. *Leio passado, presente, futuro.* No duro? *Principalmente!* Porra, boneca, até que tu é pica doce! *Se quiser morar comigo em **Milão**, te arranjo uns bofes, com um pouco de poesia você levanta uma grana, é só dizer tipo assim: dotadona depravada, O. testicular, nessa boca cabe tudo, desejo sua língua no bumbum, safadinho!*

*No botão de rosa cabe até a última gota! Desaquenda, mona! Ai, que mão lisinha, que não conhece sapólio, cimento... É o que diz a linha dos afetos! E o teu destino, quer ver?* Na base da amizade, ela me ajuda a chegar numa **Praça de Atenas**. Madrugada. Somalis famintos vasculham latas de lixo. Minas com lenços na cabeça, caras fumando, crianças brincando. Policiais vigiam. Vou tocar numa banda **punk** meia boca, três acordes numa encruzilhada, no meio de uns restos de templos, num crepúsculo de pedra e mato. *Eu me sinto tão cansado, sem forças para lutar, a roda do meu destino não sei onde irá parar.* Ó deuses gregos todos, deuses gregos e outros deuses, deuses invocados e sacanas, seus deuses malacas e fora de moda, podem me chamar de **Jonas**, o abismo me cerca, mas estou cravado com minhas botas arregaçadas nesse chão, me deem uma mão, movam terras, ares, oceanos, seres e entidades, porra, que eu não tenho quem lhe mande buscar, que eu não tenho quem lhe mande abalar, quem lhe mande quebrar as mãos, cordas do coração, vai, vão, me façam, um dia, encontrar meu pai! Chega uma gangue meio nazi e, tipo assim, na moral, expulsa todo mundo na porrada. Capoto. Não lembro muito bem, mas sei que aí acordei num vagão, como se tivesse no colinho da mamãe, pelo buraco na ferrugem só vejo... Flores... E nas flores... Rostos... **Cristo**... Mamãe! O trem vem dar em terras lusitanas! Mendigo uns trocos no **Chiado** e peço um café. Aparecem quatro moscas e zoam em volta do balconista, que fica lá, numa boa, uma estátua! Mexo o café... Tomo... Da porta, olho o carinha lá... E as moscas... Grandes e gordas! *Robustas*, ia dizer a mama. Aí percebo que sempre que paro pra comer o meu bitoque, em tudo que é boteco, elas aparecem... E ninguém move uma palha!

Um dia, uma pausa no balcão. Dou-lhe um golpe ninja, o bicho zanza, zonzo, num lance bem **kickboxer** cravo a botina nela. Saio zanzando pela madrugada e noto... Três moscas... Voando pertinho de mim! Elas. Vocês. Podem me chamar de **Jonas**. Elas viram grandes companheiras, pau pra toda obra, me acompanham até nos tramos mais fuleiros, tipo uma arena de touros lá na casa do cacete, o estádio cheio, o mugido da galera, olhos nos olhos do bruto, aquela meia tonelada de amor pra dar, e nós lá catando bosta das feras! No fim da tourada, o bicho sangra das picadas do toureiro. Ali. A fera bem zoró. Daí pulam os **Moços de Forcado** na arena, pra catar o touro a unha. Oito gajos movidos a testosterona. E pra quem é que sobra a pega de boi? Quem é que vai na frente da malta? Nunca que iam deixar um **brasuca** fazer isso, mas eu me viro, amarro e escondo num canto um desses franguinhos e, na **hora H**, olha eu lá, ei, touro, touro! O bicho vem com tudo pra cima de mim, mas eu também sou muito macho. Choque de **Titãs**! Agarro a cabeçorra, que me levanta no ar, os outros manés também agarram o corpão, a besta resfolega, pés e patas fincados na areia, o touro gira, gira... E para de vez! Vai, pode aplaudir com a tchurma! Às vezes tem de sacrificar o ser. Agora, por exemplo, esse aí, tão zoadado, vai acabar mesmo na vala. Mas, que é que é isso, não fui eu não, não senhor, nem eu nem minhas amigas moscas, quem é que deixou o portão aberto, eia, olha a besta picando, eia, lá vai ele, vai, vai, o touro, pra rua, ó ele lá, driblando, trombando, até dar na praia, a galerinha atrás, o touro finca as patas na areia, trota até o mar, enfrenta a espuma gelada, rompe as ondas... Lá vai ele! Você vê? Não vê mais! É hora de voltar pra **Lisboa**!



Encaro a **Liberdade**, rumo ao **Pombal**, carradas de mendigos debaixo dos beirais, pego o metro, uma senhora passa comigo na catraca, aproveitando o bilhete. Fiz muito isso no meu país, madame! *Enfim estamos descobrindo o **Brasile!*** Ela inspeciona uma lixeira e já se esqueceu de mim. Procuro um trampo com cimento, tijolo, mas uns colegas me chamam pruma função, roubar um banco, eu fico na vigia, na esquina... Pá, pá, pá! Os colegas são baleados, fujo, dá o maior auê na comunicação social, escuto o papo dum grupo na Pastelaria. *A inflação... Os juros... O desemprego... Os combustíveis... Não se pode atribuir a imigrantes o aumento da violência... Duma outra vez eram ciganos... E pretos... Pretos contra ciganos... Temos mais de um milhão de armas legais... Mas são para caça... Brasucas, ciganas, chinas e ucranianas... Sem falar das africanas... A comer as últimas bifanas... Qualquer pessoa é um desassossego, vai faltar salário-desemprego! Quem será o chalado que vai pagar a conta? Vou parar em **Amadora**, trocando roupa de cama numa pensão! Pá! Tenho uma filha no **Brasile**. Ela estudou. Vai ser caixa do **Pingo Doce?** É o cara na frente do écran, tatuagens de guerra nos braços quase transparentes, olhos fixos nas gostosas das novelas brasileiras. *Essas suas novelas invadiram nossa terra, mudaram nossos costumes. **Gabriela. Roque Santeiro. Sassá Mutema. O Clone.*** Tá por dentro, assistiu todas, que nem minha mãe. *As novelas mudaram nosso jeito de falar. Sei. O comportamento. Ô. Brasileiro quer impor seu jeito de falar. Trouxe, por exemplo, outro sentido para a palavra rapariga!* Pois. No meu país quando o nego pega a bicha pra tomar pica na bunda a coisa é muito diferente! Minhas **sisters** moscas pousam naquele casco fino de reformado, o cheché amansa, suspirando, os olhinhos de novo pregados numa outra novela da **SIC**...*

E acaba me arranjando um prato de sopa com pão, mais uma cama, com direito a quarto de banho, na cave. Deitado aqui, parvo, secando o forro, murmuro. *Jesus seja comigo e Jesus fale por mim. Se Jesus falar por mim, ninguém será contra mim.* E aí me pego pensando em baleias. Tubarões. Almas. Almas migram? Transmigram? A gente sempre viveu se virando? Agora tem que se enquadrar? Sumir na multidão? Suspiros-brancos... Saudades-brancas... Mãe... Onde descansarão seus ossos? Quem velará por você? *Vão, suspiros e saudades, rodeiem a sepultura, vão dizer a minha mãe que minha dor inda dura.* Ah! Sonho também com as portuguesas, portuguesas das praias do **Algarve**, com seus pelos pubianos que parecem a **Floresta Amazônica**... Então, não lembro bem, mas acho que saio pra rua, procurando amor, criatura. *Não há de ser sempre assim, não acha?* Me diz a menina belíssima. *Sempre fui ativa. Hoje sou à rasca.* A madrugada deita nos seus olhos. *Como é que hei de viver?* Você não tem ninguém nem nada? *Tenho dívidas às costas.* As coisas não estão tão mal. *As coisas estão como estão.* Pro padrão brasileiro, não dá pra dizer que o pessoal aqui está pobre. *Não vou às compras com fome.* *Quase sempre tenho fome.* Hoje no meu país é diferente! *Aqui hoje o grande emprego é o desemprego!* Derramo na orelha da cachopa um maço de palavras da infância, que aprendi nos quintais da mama: **pirilampo, bergamota, recôncavo, bunda...** *Um broche?* Schifaizfavoire! Logo casco a pila naquela crica linda... Abrindo a boca numa gargalhada, um **piercing** na língua, ela goza. Então é isso que é o amor? É o tal do amor a me vir? Ela vestiu a cueca. Eu paguei. Ela balbuciou, chupando um rebuçado: *É chapa ganha, é chapa gasta! Segue-se em frente, e isso ajuda.*

Então vou pelas ruelas de **Lisboa**. O burburinho da **Feira da Ladra**, o pregão dos cacarecos, das tralhas, antigas máscaras de gás, livros carcomidos, montanhas de roupas usadas, cacos de azulejos, desço os caracóis da **Alfama**, chego na velha Igreja de **São Domingos**, que nem terremoto nem incêndio puseram abaixo, a nave corroída, um ardor estranho na oração... Onde está aquele senhor do **Dois Arcos**, que me servia um bacalhau que nem estava na carta e só cobrava o que eu podia pagar? Morreu? Estresse? A **Troika**? Não lembro bem, mas como é que eu vim parar numa madrugada dos becos do **Porto**... Esse gemido... É minha alma, são as casas arruinadas, ou são os corpos além das janelas, se roçando no lume? Como é que estou zanzando nos círculos concêntricos de **Évora**? As solas esburacadas, remendadas com pedaços de jornal... Me ajoelho no **Templo de Diana**, ecos de gritos de bruxas e cristãos novos queimando na **Praça do Giraldo**. *Aonde vais, caminhante, acelerado?* É a ladainha das caveiras que pendem das paredes e pilares da **Capela dos Ossos**? *Nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos*. A velhinha toda de negro faz um pelo sinal. Passa uma bola, depois um miúdo correndo atrás dela. Dá vontade subir num banco da praça e dar uma grande bufa, um peido que invada todas as residências, que encha a cidade, o país, e faça com que todos saiam pra rua e vejam um legítimo cu de brasuca, e que então a gente saia dançando um vira de **Roberto Leal**, bando de pomba-gira louvando a alegria, a felicidade! Porra, como é que eu vim parar no **Cromeleque dos Almendres**, girando, um fuzuê de rocha na pirambeira, sussurrando no lusco-fusco do nascente, para os vultos que criaram os deuses mais antigos e pra eles ergueram tanta pedra... Abraço o imenso menir, o **Long Dong** rochoso, choro, ronco...

E sei lá como, não lembro bem, tipo assim, vai ver eu fui abduzido, tetetransportado, acho, o fato é que agora estou de volta à praça da **Figueira**, estou no **Rossio**... E me vem um desgraçado mendigando ali na porta e diz: *o carinho jamais será de mão única! Sei. Quando um portuga te estende a mão, o coração vem junto.* Ele te faz o prato, o copo de vinho e te dá cama e guarida? *Como se fosse uma mãe. Ou um pai.* Pai, eu me perdi de ti. Agora a minha vida é só esse rodamoinho. *Vem comigo!* Vou com o Mané prum casebre sem água encanada. Cheiro de fralda, bituca de cigarros, comida estragada. Ele oferece um tijolo de haxixe. Tiro um quadrado molambento e vincado do bolso. Vamos fazer a ganza com a velha carta do meu pai, que não serve mesmo mais pra nada! *Com pai não se brinca!* Minha mãe dizia que meu pai dizia que era cigano! *Um homem diz muitas coisas, diz que é muitas coisas, mas a maior parte das coisas homem nenhum é.* É o que a minha mãe dizia. *Então você também é rom.* Do que é que você tá rindo? *Um homem. Cigano. Senhor das estradas. Filho de Caim. Fabricante dos pregos da Cruz.* *Afinal, o que é um homem?* Ele arranca o papiro da minha mão, os olhos saltam das linhas dali pras do meu rosto. *Eu posso ver o homem. Este homem. Calon. Teu bato. Eu vejo aqui. Ele vagou por muitos tempos e lugares, navegou com muitos e muitas, um dia fincou raiz numa rocha, fez dela budal: eis aqui o homem!* Ele faz umas manchas pretas na folha com os dedos imundos. Os **Açores**. Meu pai está numa ilha dos **Açores**? *Vá! Pega teu dron, antes que agarrem todos nós, construam muros, levem nosso dinheiro, ouro, joias, nos obriguem a trabalhar e, se calhar, nos transformem em mulon, em poeira!* Um bebê, num berço enferrujado, chora. Vou sem olhar pra trás, clandestino na tempestade, acabo numa praia.

Ali, no topo daquele aquele monte, naquela quinta, a casota isolada, surge um homem e abre o portão. Réstias de alho, cebolas, um fogão a lenha, teto de videiras enoveladas. Ele pega um garrafão de vinho e me oferece um goró. Sabe. Sonho contigo dormindo, sonho contigo acordado, sonho contigo falando, sonho contigo calado. Queria contemplar o céu com você, as estrelas caducas, cuja luz leva trocentos milhões de anos pra chegar aqui... E aí eu capoto, não lembro bem, e acordo nesta jaula. Sabe, velho... Acabei de sonhar com minha mãe. Ela era quase uma criança. A gente estava na cama. Ela, uns peitões bonitos, fartos. Eu, um bebê robusto. Eu mamava e ela dizia: tudo bem, tudo bem. *O teu peito é um país de tormentos povoado. Sei. Fui do **Atlântico** ao **Me Kong**. Puxei contêiner de **Hong Kong** ao **Cais de Santos**. Pisei todo tipo de canto, fiz tudo que foi guerra, vi mundo cambiando. Com botas assim como as tuas nos perrengues.* Também já pisei muito mundo. São botas confortáveis. É um par amaciado, curtido com muito uso. *Tive parecidos. Fui largando mundo afora, do lado das camas quentes das mulheres com quem deitava.* Uma delas foi minha mãe. *Deportavam leprosos para estas ilhas. Cangrinas. Aqui o magma sobe do assoalho do **Oceano**... Enormes derrames... Erupções... Formando placas... Que arrefecem rápido... Viram rocha escura! Uma crosta que o tempo cobre de craca e de sombra...* De onde é que surgiu esta câmera? A gente tá bem enquadrado? O foco está perfeito? Vai passar na TV, na internet? Minha mãe virou uma baleia! E de tanto tomar remédio... Acho... Tenho certeza... Só pode ser... A baleia morreu! Ou fui eu que matei... *Com uma **Luger** velha, meio enferrujada?* Igualzinha a essa aí na tua mão! Ele aponta a arma pra minha barriga.

Naquele canto, no alto, é uma janela? E nela... *Mares tantas vezes navegados.*  
Vem um vento lá de fora, vai cair tempestade. *Vejo o raio, ouço o trovão, nunca*  
*tanto me assustei como me assusta a lembrança de que não mais te verei.*  
Quem me vê jamais esquece. Sabe. A baleia morreu chamando o teu nome.  
*Eu caçava baleias, dois monstros se perseguindo.* Você vai cuidar de mim?  
*Ninguém, nunca, jamais, daqui por diante, pra todo sempre, ninguém vai te*  
*fazer o mal.* Foda-se! A gente se abraça. Pá, pá, pá. Eu a qui fico jorrando, a  
câmera a gravar tudo, três moscas vem logo amber. Pá, papá, papai... A  
baleia... Ela me deu seu nome... Pode me chamar de **Jonas**.

**Fim**